

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

GENTRO DE FILOSOFIA E

CIÊNCIAS HUMANAS

SEXO/PECADO, DOENÇA/PUNIÇÃO

OU

A AIDS ENTRE NÓS (um estudo
com universitários da UFPE)

Dissertação apresentada
ao Curso de Mestrado em
Antropologia para obtenção
do Grau de Mestre em
Antropologia.

39 JOÃO ALBERTO CARVALHO

0331b ORIENTAÇÃO: Profa. Gisélia Potençy

TESE CO-ORIENTAÇÃO: Profa. Ma. do Carmo Vieira

1990

ACERVO 51413
IV.06

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA
CAMPUS DE RECIFE
CAMPUS - Recife - Pernambuco - Brasil

PE-00033838-4

20/02/91 163

lx: 910016303

Para Dulce.

Sinceros e profundos agradecimentos a:

Dulce Luna, Fernando Wanderley, Maria do Carmo Vieira, Gisélia Potengy, Russel Parry Scott, Celina Ribeiro Hutzler, João Valença, Irma Chaves, Merval Jurema Filho, Ma. Antonia A. Cerviño, Fernando Calsavara e Departamento de Neuro-Psiquiatria da UFPE.

Minha gratidão também aos informantes desta pesquisa, meus clientes e alunos, por me permitirem acesso a um pouco de suas vidas e muito me ensinarem.

Sinto-me também grato ao professor e amigo Roberto Motta por toda a significativa orientação recebida no início deste trabalho, interrompida por necessidade de sua ausência do país.

RESUMO

O autor faz um estudo das relações existentes entre a prática sexual, as concepções em relação à sexualidade e o momento atual representado pela presença da AIDS no mundo.

Utilizando o método de entrevista não diretiva, procede a ampla análise do material obtido entre universitários da UFPE.

Os dados analisados são remetidos a elementos teóricos apresentados durante o relato da pesquisa. Analisa também a relação pesquisador/pesquisado. Considerando este tema, utiliza dados do conhecimento antropológico e alguns conceitos da Teoria Psicanalítica.

Foram estabelecidas conclusões em relação à prática sexual, concepções frente a valores ligados à sexualidade, atitudes e idéias em relação à AIDS e considerações sobre a postura diante do tema geral do sexo e da doença.

S U M A R I O

INTRODUÇÃO	01
1. O MÉTODO	08
1.1. Os Informantes	08
1.2. O Encontro	10
1.3. A Análise	13
1.4. A Interpretação	14
2. O CONTEXTO TEÓRICO	16
2.1. De Lei, Culpa e Sexualidade ou o Sexo Sacralizado	16
2.2. Doença e Sexualidade ou o Doente Pecador	38
2.3. A AIDS	42
3. A ANÁLISE	55
3.1. O Sim e o Não na Dinâmica da Pesquisa	55
3.2. Os Temas Encontrados ou o Discurso que Persiste	68
4. A INTERPRETAÇÃO (concluindo)	115
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137

I N T R O D U Ç Ã O

As relações entre a sexualidade e a AIDS, compreendendo sexualidade como prática, mas também como concepção na vida do indivíduo, nos parece de fundamental importância nos dias de hoje. A motivação para a escolha deste tipo de temática se compreende com elementos da nossa própria formação profissional.

A história que se conta da pesquisa não pode passar ao largo da história da escolha do próprio tema, bem como das considerações sobre a motivação para o tema.

Nossa atividade profissional pressupõe o contato interpessoal. Partindo da formação médica tradicional, a escolha da escuta e da comunicação como método fundamental de trabalho se deu dentro do exercício da psiquiatria, da psicanálise e do ensino universitário. A pesquisa antropológica certamente seria um caminho trilhado como continuidade de uma possibilidade, ao lado das práticas citadas anteriormente, de tentar perceber os fenômenos dentro de uma ótica mais completa.

A escuta no consultório do tema da sexualidade, por vezes relacionado com a AIDS, pelo menos a nível fantasmático, chamava nossa atenção. A função de ensino e o contato com alunos de medicina nos oferecia um outro registro de relacionamento. Juntando as práticas médica e psicanalítica e o contato com os alunos, ficava definida a necessidade de compreender certas situações. Fundamentalmente, nos perguntávamos como seria o

exercício da prática e do desejo quando a sexualidade hoje traz em si a marca do risco grave. Que modificações estariam se processando na vida sexual daqueles que iniciaram sua prática sob o signo da AIDS ?

A compreensão da sexualidade em nossa cultura como marcada pelo signo da culpabilidade e do pecado e a noção de que as próprias doenças trazem consigo estas mesmas concepções favoreciam perceber a necessidade de se aprofundar no entendimento do momento atual, onde mais uma vez o sexual se culpabilizaria e se atualizariam as concepções pecaminosas e primitivas com o advento de uma doença sexualmente transmissível.

Algumas considerações que visem aprofundar a importância do tema são necessárias.

A concepção de sexualidade associada à culpa e ao medo corresponde à própria história do homem e suas relações com a moral ocidental, sobretudo cristã.

O caminho no sentido do passado é longo, incerto, onde se visitam vários lugares e se vivem em vários momentos.

Do ponto de vista da gênese da psicanálise, todo o escândalo em torno da proposição freudiana de reconhecer a sexualidade desde o nascimento, toda a revolta da burguesia vienense, parecia ilustrar o horror ao tema da sexualidade. Mesmo Freud demonstrando não ser a sexualidade infantil sinônimo de genitalidade adulta, o olhar para além das portas cerradas da censura gerou polêmicas.

O passeio no tempo, seguindo a trilha da constituição da sexualidade, fala sempre de censuras.

Mesmo passível de recriminações formais, neste trajeto muitas paradas se farão entre os gregos antigos. Incluímos a Grécia na elaboração de uma compreensão ocidentalizada pela importância e penetração da cultura grega em todo o mundo ocidental, por si só, ou, pela "importação" de seus elementos culturais, inclusive seus Deuses, para Roma e o "mundo moderno".

Todo o relato acerca da sexualidade na antiguidade, que teremos que aprofundar ao longo do nosso texto, dará suporte para os depoimentos encontrados hoje, sobretudo considerando o momento atual e suas peculiaridades com o advento da epidemia da AIDS (SIDA).

A sexualidade greco-romana nos conduzirá para a criação da norma sexual ocidental determinada pela igreja cristã. A culpabilização da sexualidade fora do seu caráter estritamente procriador, mesmo no casamento, poderá conduzir à elaboração de uma "sexualidade culpada", reprimida ou negada. Esta influência provavelmente determina formas de encarar o casamento, a mulher - referida frequentemente como demoníaca nos textos antigos - bem como a instalação do medo frente à sexualidade, sobretudo certas formas de vivê-la.

A própria desvalorização do mundo e do homem, reforçada pelo catolicismo, bem como pela teologia protestante, ressaltando, como calvino, "o lixo e lodo que somos" (Delumeau, Jean, 1989) nos coloca numa perspectiva culpada e repressora. A

concepção do "pecado original" e a própria difusão do medo e horror da morte do pecador, nos coloca diante do temor da infração dessas regras cristãs, frente à cólera implacável de Deus.

Neste sentido, as práticas sexuais que visem exclusivamente o prazer estão condenadas. Inscrevem-se aí a homossexualidade, as relações extra-conjugais e o contato com prostitutas. Esta formação repressora pode ter-se estendido até o momento, apesar das grandes modificações, mesmo que cíclicas, que a sexualidade sofreu.

Neste contexto de pecado, culpa e repressão, é necessário compreender o fenômeno do adoecer e a interferência da doença na vida daqueles que a sentem mesmo como simples ameaça. As relações entre doença e culpabilidade correspondem à própria história da doença e da medicina.

A política higiênica do século XVIII, como nos fala Jurandir Freire Costa (1979), traz consigo a marca da regulação do indivíduo, do seu corpo e sua sexualidade.

As considerações sobre culpabilização, repressão e sexualidade, bem como a noção do "sujo", relacionada ao ato de adoecer, sobretudo quando aliado a práticas sexuais, permite uma reflexão demorada sobre essas inter-relações. Neste cenário podemos perceber como protagonista atual a epidemia da AIDS. A presença da doença poderá revelar a atualização ou reforço de concepções morais mais antigas.

Nesta epidemia, o conhecimento das formas de transmissão e a reação frente à patologia retratada na imprensa, como nos mostra Luis Mott (UFBA 1987), revelam o tom dramático e as concepções simbólicas que acompanham as características reais e objetivas da síndrome.

O medo vivido na doença é também individualizado em relação às próprias "faltas", aos próprios sentimentos de não-aceitação e à própria culpa individual relacionada com fatores sociais. Psicanaliticamente, compreende-se que a culpa, o medo e a falta são experiências intrapsíquicas, em certo sentido estruturantes, relacionadas com vivências fantasmáticas do sujeito, como as vivências edípicas e de castração. No entanto, estas vivências podem ser super-dimensionadas e atualizadas em contextos sociais culpabilizantes e em épocas ou situações que enfatizam os estigmas sociais, particularmente se houver consonância entre as vivências intrapsíquicas e os preconceitos sociais relacionados a elas.

A AIDS também é vista, por alguns, como um daqueles pontos de transição observados em muitos momentos na história da humanidade. Ao chegar a um certo nível de intensidade, todo o encaminhamento numa certa direção encontra fatores que determinam sua reversão, com períodos de decadência que afetam a humanidade, como sugere Antonin Artaud e como bem demonstrou Guy Hocquenghem, (1980).

Com estas considerações, nos parece adequado discutir a atualização dos elementos históricos sobre a sexualidade e as doenças, bem como a relação com o pecado e a culpa. Poderemos ainda tentar perceber as repercussões do fenômeno AIDS em nossa existência.

Além disso, cumpre salientar o valor da patologia do ponto de vista epidemiológico e sua escalada universal, além do caráter mortal e irremediável da doença até o momento.

Partindo destes elementos iniciais, formulamos algumas hipóteses e metas a atingir com esta pesquisa.

Tentaremos verificar o exercício e a concepção da sexualidade nos dias atuais. A interferência da AIDS na prática e na formulação do pensamento sobre a sexualidade entre as pessoas que se situam no início do exercício de sua sexualidade, sob o signo da ameaça de contágio.

Certamente caberia, em outra situação, relacionar as vivências acerca da sexualidade no que diz respeito à AIDS, com possíveis interferências, também na vida sexual, e concepções sobre o tema em indivíduos mais velhos, cujas vidas sexuais se iniciaram e desenvolveram em décadas anteriores à AIDS.

Observaríamos, também, quais elementos surgem ao se remeter o informante ao tema da AIDS e quais as concepções dos jovens, na faixa etária estudada, sobre a sexualidade como um todo.

Certamente salientamos a própria relação pesquisador / pesquisado diante de um tema que traz em si o caráter do secreto e do ambíguo, associado em geral a noções de culpabilidade e, certamente, pecado. Esta relação estudada na pesquisa poderia ilustrar a própria forma de encarar a sexualidade, de falar sobre o tema sexual, as variações do exercício sexual entre os indivíduos, a moral nas relações sexuais e a maneira de encarar a sexualidade, considerada desviante. Tudo isto, naturalmente, apoiado na própria incidência da doença e o conhecimento da mesma por parte de todos.

Este estudo lança alguma luz, mesmo de forma indireta, sobre as necessidades de esclarecimento acerca da patologia, a forma como são encarados os portadores do vírus, os próprios doentes, bem como os representantes dos chamados "grupos de risco".

1. O MÉTODO

1.1. Os Informantes

A amostra desta pesquisa é constituída de estudantes de algumas áreas da Universidade Federal de Pernambuco. A escolha se deu de forma relativamente aleatória. Optamos pela formação de uma "rede de informantes" para o estabelecimento do universo pesquisado. Partimos de duas indicações iniciais feitas por dois estudantes conhecidos nossos, um do Centro de Ciências da Saúde e outro do Centro de Artes e Comunicações. A partir destas procuras iniciais, estabelecemos contatos com 23 jovens para participação nas entrevistas. Não privilegiamos a procura de qualquer característica inicial, apenas que fossem do corpo discente da UFPE. O universo se constituiria por si próprio, através das indicações "em cadeia", e a análise foi feita a partir desta formação inicial.

Entramos em contato inicialmente com 13 homens e 10 mulheres. Desse grupo de 23 estudantes, apenas onze se dispuseram a participar da pesquisa. Os dados de identificação ficaram então restritos àqueles que concordaram com a entrevista.

Os informantes não teriam contato entre si, evitando portanto o risco de formação de um grupo fechado de pesquisados. Naturalmente, esta formação não constitui o que normalmente se designa de "estatisticamente significativo". Como nos mostra Tânia Salem (1980), o pequeno grupo de informantes levanta a

questão da possibilidade de generalização dos achados para os demais jovens do mesmo universo. Outras pesquisas poderiam ser feitas para podermos afirmar a maior confiabilidade das generalizações possíveis.

Neste tipo de pesquisa destacamos peculiaridades no encontro, levamos em conta elementos pessoais do entrevistado e entrevistador. Entretanto, a recorrência de temas e a repetição de elementos do discurso nos coloca diante do padrão social presente na atitude de cada indivíduo. (1)

A própria explicitação do tema para se chegar aos informantes pode ter favorecido a presença de três pessoas com história de conduta homossexual, considerando que a relação entre a AIDS e a homossexualidade é forte estatisticamente. A sugestão de nomes pode ter passado por este tipo de motivação, involuntária ou não.

Dos onze estudantes, apenas dois eram do sexo feminino. As idades variavam entre 18 e 22 anos. Dois deles não eram da religião católica, sendo um judeu e uma informante "simpatizante da doutrina espírita".

Os informantes provinham do Centro de Ciências da Saúde, Centro de Artes e Comunicações e Centro de Ciências Exatas e da Natureza.

Diante do número global de possíveis informantes, a primeira informação surgida dava conta de significativo número de recusas à entrevista. Foi considerado então, como parte da análise a ser efetuada, o fenômeno como um todo, ou seja, incluímos na análise também o "universo da recusa".

1.2. O Encontro

Escolhemos como método da entrevista aquele da não diretividade. Este tipo de abordagem permitiria toda a nossa atenção ao discurso objetivo do informante, e todo o conteúdo verbal seria observado com plena liberdade de expressão do entrevistado. Este método também favoreceria amplamente outro nível de observação - aquele que tem o caráter da subjetividade. Ficamos atentos ao próprio encadeamento de idéias que surgiam na entrevista, os temas que se associavam mutuamente, o sequenciamento de assuntos, as expressões apresentadas na mímica dos informantes, a possibilidade de elementos mais significativos da afetividade em torno das informações oferecidas e idéias apresentadas. Neste sentido a escolha do nosso método permite o conhecimento de um grupo de dados objetivos e outro subjetivo. Consideramos de ampla importância ambas as formas de comunicação.

A expressão objetiva e subjetiva do material oferecido pelo informante diz respeito diretamente à própria possibilidade de escuta do entrevistador.

Afirmamos aqui que o "ouvido" do pesquisador deve estar atento ao discurso que se faz em mais de um nível ou,

figurativamente, à presença de vários "ouvidos" com que ouvir o que o "outro comunica". A atenção flutuante do entrevistador permite o contato amplo com aquilo que é escutado, ou melhor dizendo, com o dito verbalmente e o que se faz presente por outras comunicações no encontro.

Discorrer sobre o que o informante comunica pela fala ou por outros meios de contato é falar do sentimento do sujeito, é falar também do caráter pessoal, único de cada discurso, sem negar entretanto a possibilidade de reconhecer pontos comuns e proceder a considerações sobre o conjunto de todas as falas apresentadas.

A consideração da possibilidade de escuta do pesquisador, sua atenção flutuante e sua condição de fazer contato com dados subjetivos do entrevistado dizem respeito à própria subjetividade, aos elementos culturais e à formação profissional do entrevistador. Estes elementos do entrevistador e do entrevistado caracterizam a própria peculiaridade do encontro, remetendo às noções de "transferência" e "contratransferência" (tomando estas expressões de empréstimo à psicanálise). A atenção flutuante permite o contato, na entrevista, com o mínimo de expectativas de respostas aprioristicamente definidas. Consideramos que o elemento transferencial, no encontro, traz uma contribuição para o todo da pesquisa científica, mas, é nossa intenção estender a trama do contato e falar também do valor da contratransferência, enquanto possibilidade de dar uso a elementos do próprio pesquisador durante seu trabalho. Não poderia portanto negar nossa possibilidade de proceder à escuta

com referencial também psicanalítico e pôr a serviço do nosso trabalho a bagagem que temos conosco. Não negar nossa pessoa e nossa formação profissional como um todo.

A principal preocupação seria, portanto, poder se colocar no lugar do relativo, dizendo com isto, no lugar do antropólogo que percebe o que se passa e o que se fala, como fenômeno inerente também a si próprio - sem a verdade pré-formada.

A consideração dos dados de ambos os envolvidos no encontro vem acompanhada também de informações concretas do informante, sua própria história pessoal (com ênfase na história de sua sexualidade), suas concepções pessoais sobre o sexo e seu exercício.

Respeitando o método de entrevista não diretiva, procedemos ao contato com o informante a partir de uma alusão ao tema geral da pesquisa, solicitando que discorresse sobre o que lhe ocorria diante do tema geral da sexualidade e AIDS. As demais interferências do entrevistador se fizeram todas a partir do discurso do informante.

A análise levaria em conta, portanto, os elementos da inter-subjetividade, associados à presença de dados objetivos de cada informante, além de, dentro da ótica do subjetivo, levar em conta, como parte do universo da pesquisa, a incidência significativa de recusas à entrevista.

1.3. A Análise

Procedemos à análise do material, considerando inicialmente as recusas e a observação deste dado em relação ao padrão das respostas obtidas nas entrevistas realizadas.

A verificação de elementos referentes à solicitação de ambientes para a entrevista, e formas de contato com o pesquisador foram relacionados com a negativa ao convite para a pesquisa. As duas modalidades de achados puderam ser agrupados para uma análise conjunta inicial.

Realizamos também o estudo pormenorizado de cada entrevista feita, desde o momento inicial, que correspondia ao convite, até o último momento do encontro.

Objetivamente, os grupos mais gerais corresponderam a dados referentes ao sexo dos informantes, suas idades (grupo homogêneo, com a mesma faixa etária), a condição sócio-econômica (também com homogeneidade) e a formação religiosa.

A atenção na análise de cada contato também privilegiou a atitude do informante frente ao tema central explicitado, as idéias que sobressaiam e os temas que se repetiam. A própria relação com o pesquisador (por onde passam todos estes dados) também foi demoradamente observada. Procuramos agrupar os achados referentes aos temas e outros dados objetivos na tentativa de manter a fidelidade dos elementos encontrados na ordem de surgimento, durante as entrevistas.

1.4. A Interpretação

Salientamos que todo o transcorrer da pesquisa e o quadro observado com a análise dos dados têm como apoio as referências teóricas obtidas através da bibliografia selecionada. Os temas da sexualidade, sua concepção na história do ocidente, a relação com o pensamento religioso que perpassa toda formação moral ocidental, foram também considerados. A própria noção da doença ligada ao pecado e à culpa caracteriza parte da compreensão social do adoecer, além, naturalmente, da referência imaginária da doença para os indivíduos.

Foi abordada também nesta contextualização a própria história da doença AIDS, com ênfase na importância da patologia nos dias de hoje. A consulta a dados da Organização Mundial de Saúde, Ministério da Saúde e Secretaria Estadual de Saúde/SUDS-PE deu o suporte epidemiológico para maior conhecimento da patologia e seu perfil atual.

Informações bibliográficas emolduram o desenrolar da pesquisa. A discussão dos achados se deu à luz dos elementos teóricos elaborados pelo pesquisador.

O próprio método de pesquisa utilizado remeteu o trabalho à utilização de um referencial psicanalítico consonante com o estudo antropológico. Foram utilizados alguns conceitos básicos da teoria psicanalítica na compreensão dos elementos subjetivos encontrados.

NOTAS - CAP 1

1. Sobre a pesquisa Antropológica utilizando pequenos grupos de informantes, salientamos o trabalho de Tânia Salem (1980) - O Velho e o Novo - Um Estudo de Papéis e Conflitos, Ed. Vozes, pp. 23, 24.

2. O CONTEXTO TEÓRICO

2.1. De Lei, Culpa e Sexualidade ou o Sexo Sacralizado

Nossa trajetória, mesmo com a marca da incompletude, se deterá na tentativa de compreensão da sexualidade ocidental.

Letur-se-a

O sexo e seus significados assumem diferentes tonalidades entre as diversas civilizações, desde a exaltação, simbolizando fecundidade e riqueza, até a condenação, quando fora do ditame da fisiologia humana ligada à reprodução.

A referência ao sexo no passado mais remoto se faz presente nos símbolos sexuais de monumentos megalíticos, através dos dólmenes e sua, talvez, relação com representações do útero, ou mais tarde, os menires com simbolizações fálicas (Ruffié, 1988).

As referências à censura sexual, no que diz respeito ao incesto, nos coloca diante das relações estabelecidas por Sigmund Freud em seu estudo "Totem e Tabu". Mesmo carecendo de material etnográfico mais elaborado e, ainda, marcado pelo historicismo e idéias evolucionistas da época, detemo-nos nesse trabalho pelo marco que representa na tentativa de elaboração, pelo pai da Psicanálise, de uma "antropologia psicanalítica". (1)

Uma consideração fundamental diz respeito à própria idéia da proibição, no sentido mesmo de interdição, como via de passagem do sexo instintual para o pulsional, bem como, passagem para o cultural, saindo do "selvagem", caracterizado na obra

freudiana pela hipótese da "horda primitiva". Com base na idéia de regressão do neurótico, chega-se à progressão recontando a história da cultura com a plena aceitação do princípio da realidade, o que significa a capacidade de sublimar e, como afirmamos, proceder à passagem para o cultural.

Nesse trabalho Freud ressalta o animal totêmico como a simbolização do pai. A proibição de realizar o coito com uma mulher pertencente ao mesmo totem coincide com elementos do "crime de Édipo"; logo, a proibição do incesto traz a marca da sexualidade inserida na cultura. Esta lei é internalizada e reforçada por regras e atitudes sociais (Freud, S. Vol. XIII, 1980).

Salientamos, entretanto, que mesmo considerando a proibição ao incesto como sendo a marca da saída do "natural" para o "cultural", este fato tem diferenças quando observamos as diversidades culturais, como mostra Marilena Chauí (1987). Entre nós a proibição se faz na família mais restrita, compreendendo cônjuges, filhos e irmãos. O contato sexual interdito se dá entre pais e filhos, irmãos, avós e netos; menos claramente a proibição se estende a tios e sobrinhos ou primos de primeiro grau. Em outras sociedades as restrições são mais ampliadas, podendo compreender o grupo social inteiro. Os "sistemas de parentesco" nas sociedades garante o controle da exogamia e endogamia (Chauí, 1987). (2)

Do ponto de vista individual, o respeito à proibição não se dá apenas pela existência de normas sociais, mas,

sobretudo, pela introjeção destas, mantidas no plano consciente e inconsciente, cujo desrespeito, através, inclusive, das vivências edípicas puramente fantasmáticas, traz consigo o sentimento de morte. Do ponto de vista religioso, o ato incestuoso está na categoria dos pecados mortais.

Nos caminhos da compreensão da sexualidade e do lugar do proibido na própria estruturação do homem, nos deteremos em um dos elementos da análise dos sonhos feita por Artemidoro. A análise da "Chave dos Sonhos" feita por Michel Foucault será utilizada ilustrativamente em alguns momentos deste relato. (3)

Na categoria dos sonhos referentes a atos "contrários à lei", Artemidoro situa fundamentalmente as relações incestuosas. Aqui o incesto compreende mais claramente a relação entre pais e filhos. A relação entre irmãos e irmãs se colocam também dentro desta proibição. Fica pouco estabelecida a restrição da sexualidade entre irmãos (do sexo masculino), sendo remetidos à categoria dos sonhos "conforme à lei" mas também ao grupo chamado "contrário à lei" (Foucault, 1984, Vol. III).

A análise de Artemidoro, retomada por Foucault, coloca o sonho do pai em relação ao filho ou filha, sempre na perspectiva da condenação. Considera o dano físico à criança (com menos de 10 anos) ou com jovens além de dez anos, numa perspectiva funesta.

O olhar persecutório sobre a sexualidade, as considerações sobre o abuso do sexo, os efeitos nocivos para o corpo e para a alma, leva, em todos os textos antigos, a

considerações sobre o valor do casamento, as "obrigações" conjugais e a questionamentos sobre determinados significados espirituais no amor do homem com os rapazes.

Nos dois primeiros séculos, os pensamentos filosófico e médico assumem austeridade. Isto é demonstrado também por Michel Foucault citando textos de Soranus, Rufo de Éfeso, Musonius, Sêneca, Plutarco, Epicteto e Marco Aurélio. Salientamos aqui, aliás como o faz Foucault em sua História da Sexualidade, que

"constitui um fato os autores cristãos tomarem, dessa moral, empréstimos maciços - explícitos ou não; a maior parte dos historiadores atuais concordam em reconhecer a existência, o vigor e o reforço desses temas de austeridade sexual numa sociedade na qual os contemporâneos descreviam, frequentemente para reprová-los, a imoralidade e os costumes dissolutos" (Foucault, 1984, Vol. III, pg. 45).

Esta consideração nos apóia na idéia de proceder a certas referências a textos anteriores ao cristianismo para o entendimento da construção de uma certa moral sexual.

A questão da castidade, abordada por Cassiano em um dos capítulos das "Instituições" também é analisada por Foucault, bem como recomendações sobre os vícios, ilusões noturnas, concupiscência da carne e do espírito em sua "Conferências". (Foucault, 1984, Vol. III).

Cassiano fala de oito "espíritos do mal", agrupando-os em pares, seguindo uma lógica própria da relação, como sendo orgulho e vanglória, preguiça e acedia, avareza e cólera, fornicação e gula. Este último par corresponde a elementos inatos

do sujeito, acarretando conseqüente dificuldade em seu controle. Ressalta ainda a importância desses "espíritos" por envolverem o corpo, além de considerar que o excesso de alimento se relaciona com desejo de "fornicar".

A análise de Cassiano prossegue estabelecendo relações dos vícios entre si e, em suas 5a. e 12a. Conferências, aborda fundamentalmente a fornicação. Inicialmente relaciona esta com três elementos fundamentais, como sendo, "a conjunção dos dois sexos", o "sexo sem contato com a mulher" - fazendo aqui referência à condenação de Onan - e o sexo "concebido pelo espírito e pelo pensamento" (Foucault, 1987, p. 26).,

Sabemos da existência de uma relação, digamos tradicional, entre os chamados pecados da carne: o adultério, a fornicação, aqui no que diz respeito às relações sexuais fora do casamento, e o sexo com crianças. Michel Foucault mostra como esta trilogia está presente em muitos textos, como no Didaché II: "não cometerás o adultério, não cometerás fornicação, não seduzirás os meninos", bem como na carta XIX de Barnabé: "não cometerás nem fornicação, nem adultério, não corrompas as crianças". Foucault nos mostra ainda que os dois primeiros atos são lembrados com mais frequência. (Foucault, 1984, Vol. III, P. 125).

Vale salientar que o relato de Cassiano não entra em detalhes quanto à forma do ato sexual com quem ele é praticado e a idade do parceiro. Estes elementos aparecerão em outros textos e serão profundamente utilizados na Idade Média na descrição dos pecados de luxúria.

Acreditamos ainda que toda a tentativa de controle da sexualidade passa pela permanente noção de pecado, ligado à temática sexual. Por um lado, a noção de punição se faz através de um "pai" malvado e punitivo, por outro, toda a sexualidade é reprimida e sua expressão impietosamente culpabilizada.

No contexto da culpabilidade, a mulher sempre teve a si atribuído o papel demoníaco. Eva teria sido aquela que se permitiu à tentação do demônio e abriu caminho para o primeiro pecado. Jacques Ruffié mostra como as interpretações dadas ao pecado de "morder a maçã da árvore da ciência, do bem e do mal" (Ruffié, 1986, pp. 145 - 150), são variadas. Foi visto como uma falta de ordem sexual e o pecado consistiria na descoberta do orgasmo; Adão e Eva estariam assim se sentindo iguais a Deus. Outra interpretação fala de conhecimento e o ponto de vista teológico mais ortodoxo fala de orgulho. Entretanto, como também salienta Ruffié, alguma comparação deve se fazer entre o antigo e o novo testamento. Salienta que o Judaísmo não considera o pecado original como de conotação carnal, mas, de conhecimento, saber.

O Cristianismo assume uma grande severidade com a mulher e a sexualidade como um todo. A condenação ao prazer carnal será mantida ao longo dos séculos.

Desde muito cedo foram condenados o corpo e toda a matéria, a partir do pecado original. Ilustrativamente vemos, por exemplo, na Bula do papa Inocência VIII (séc. XIV), afirmativas como: "o homem nasceu para o trabalho, para a dor, para o medo e para a morte" (Delumeau, 1984, p. 205). A desvalorização absoluta

do indivíduo se faz presente também no Protestantismo. É Lutero quem afirma: "o mundo é filho do diabo" (Delumeau, 1984, p. 205).

A condenação ao prazer carnal, em toda sua extensão, se faz claramente nos escritos de São Paulo. Os chamados "pecados da carne" dão sustentação à moral cristã e, como analisa Philippe Ariés, esses conceitos representam a soma de elementos do judaísmo e helenismo.

São Paulo divide os pecados em 5 categorias, como sendo: aqueles contra Deus, contra a vida do homem, contra seu corpo, contra os bens e as coisas e os pecados da palavra.

Na análise de Philippe Ariés dos textos de São Paulo, fica fartamente ilustrado o lugar do sexual na moral culpabilizante que se seguirá. Estas idéias que passaremos agora a descrever dão também suporte a nossa compreensão de que certos conceitos, face à sexualidade, se mantêm ou se atualizam sob determinadas circunstâncias.

Os pecadores contra Deus são os que desobedecem o "sagrado", a justiça divina, os que cometem sacrilégios ou profanações. Aqueles que pecam contra o homem representam todos os homicidas, inclusive matricidas e parricidas. O terceiro grupo, ou seja, os pecados contra seu corpo, merece algumas considerações. Aqui o grupo se divide em quatro sub-grupos. No primeiro - os prostituídos - a relação se faz com o termo fornicação em geral e tem um sentido um tanto vago. O segundo - os adúlteros - compreende o homem que seduz a mulher de outro c

a mulher que se deixa seduzir. O terceiro sub-grupo corresponde ao chamado "molles".

A consideração do termo "molles" e sua derivação "mollities", abre espaço para uma ampla discussão. Michel Foucault aprofundou-se, sendo também realizadas análises por Ariés, Dover e Paul Vayne. Salientamos que a descrição dos outros pecados não incluía comentários sobre os órgãos, posições ou atitudes sexuais. Para Paul Vayne o termo se aproxima da expressão "passividade", falando da desonra que significava para os romanos o caráter condenável na relação sexual entre homens, daquele que assumia o papel passivo. O pesquisador vai mais adiante, demonstrando que é condenável assumir o papel passivo na relação sexual, homo ou heterossexual. Michel Foucault relaciona o termo com a masturbação. Acreditamos que neste subgrupo de pecados estava oculta a condenação à luxúria, ao próprio erotismo, às práticas que retardam o ato sexual, prolongam o gozo ou o façam maior. A restrição se faz ao prazer.

O quarto sub-grupo da categoria dos pecados contra o corpo é o dos indivíduos chamados "masculorum concubitores" - homens que dormem juntos. Não há referência às mulheres, ficando sugerido que os grandes pecadores são os homens, pois a estes é concedido o poder e o papel da responsabilidade. Isto parece caracterizar uma certa contradição, pois, como já referimos, a igreja considerava a mulher como representante do demônio. Phillipe Ariés refere que o aumento da desconfiança em relação à mulher, sobretudo na idade média, correspondia à atitude masculina defensiva contra a importância que a mulher

poderia assumir. Fica ressaltado aqui o pecado na relação sexual apenas entre os homens.

A lista de pecados de São Paulo segue com aqueles referentes aos bens e às coisas, incluindo os ladrões, os que vendem homens livres como escravos, os ávaros e os bêbados. Finaliza com os pecados referentes à palavra, que dizem respeito aos mentirosos e blasfemadores.

Verificamos, com a introdução do termo "mollities", a condenação absoluta à homossexualidade e ressaltamos como o amor masculino ganha uma sub-categoria à parte, aparecendo então sob forte condenação. (4)

Os códigos de São Paulo ressaltam o valor da virgindade, para ambos os sexos, e a chamada concupiscência está condenada e fortemente vigiada.

Para Philippe Ariés este é um marco importante na criação de códigos futuros, sendo anterior ao cristianismo. Regulamenta uma bissexualidade, enfatizando uma heterossexualidade para a reprodução. O casamento, para São Paulo, é um meio legítimo apenas para satisfazer "a concupiscência que não se consegue dominar: é melhor casar que arder" (Ariés, 1987, p. 53). Na sociedade regida pelo cristianismo, a procriação assumiu a importância já referida pelos estóicos, ou seja, a principal razão de ser da sexualidade.

Paul Vayne e Michel Foucault definem bases de funcionamento da sociedade ocidental a partir do século II, ou

seja, atitudes diante da homossexualidade, do casamento e do que foi designado por "mollities". Estas considerações nos apoiarão nas discussões que faremos sobre certos aspectos da sexualidade e o que representa esta herança e sua possível atualização nos dias de hoje.

Jaques Ruffié reforça estas afirmativas lembrando que no período entre 1107 e 1112, com a divulgação do "Decretum" por parte do bispo de Worms, são publicadas 88 faltas agrupadas em ordem decrescente de gravidade. Observa-se que a lista vai desde homicídios até pequenas falhas. As primeiras quatorze dizem respeito a assassinatos graves, inclusive por significarem vinganças, com novas mortes, bem como altas indenizações. As faltas seguintes, imediatamente após estas primeiras, são de ordem sexual e são em número de aproximadamente trinta pecados que agrupam o adultério, repudiam a fornicação, o incesto, os chamados "acasalamentos antinaturais" e a prostituição, entre outros.

Em linhas mais gerais, duas idéias básicas são consideradas nestas concepções eclesiásticas do passado. Vemos que a copulação humana era admitida apenas com vistas à procriação, sendo lícita exclusivamente dentro do casamento. A rejeição absoluta de qualquer forma de prazer carnal, mesmo o ato sexual dentro do casamento - se feito apenas para satisfação do desejo e busca do prazer - já foi considerado pecado mortal, reforçando-se o sexo para a procriação apenas. No século XII, Huguccio, posteriormente citado por Guilherme de Rennes, no século XV, afirma que "excitar-se com as mãos ou em pensamento,

ou fazendo uso de bebidas quentes a fim de poder copular com mais frequencia com sua mulher, é um pecado mortal" (Ruffié, 1986, pp. 146 - 147).

Inúmeras referências são feitas na construção desta culpabilização e controle da sexualidade. Em 1444, o franciscano Nicolo de Osino afirma que o ato sexual, mesmo no leito conjugal, só está livre de ser pecaminoso se não houver prazer ou volúpia, o que corresponde a culpabilizar todos os casais. Santo Agostinho e São Jerônimo chegam a referir que o homem apaixonado "em excesso" por sua própria esposa estará cometendo pecado, constituindo-se um adultério. São feitas ainda considerações sobre a forma de exercer o sexo, regulando posições assumidas no coito, recomendando dias e locais para o ato sexual, proibindo o coito nas vésperas de dias santificados, durante a menstruação, etc.

Neste contexto é importante, à guisa de ilustração, lembrar a existência do detalhamento absoluto em relação aos chamados pecados da luxúria e da volúpia, nos guias de confissão. Tendo como partida o pecado original, que teria tornado o corpo perecível, os penitentes deviam confessar se executaram gestos, beijos ou toques que comprometeriam o caráter santificado do casamento cristão. São também referidos pecados considerados contrários à natureza, como o onanismo e a masturbação. Haviam considerações até acerca da comparação entre o ato sexual e o roubo ou homicídio, com momentos em que são tecidas apreciações, particularmente no guia de penitências de 1490, sobre o homicídio e o roubo podendo estes serem regidos pela

necessidade de defesa ou sobrevivência. A prática sexual, esta, fica na exclusiva área de domínio do próprio homem, devendo este com sua própria vontade, evitar o pecado, não havendo necessariamente determinantes maiores do ponto de vista externo.

Como o pecado referente à sexualidade é presente em todos os indivíduos, no seu dia a dia, e como só a igreja teria o poder de conceder a redenção, entendemos, então, que o homem estaria invariavelmente preso ao poder da estrutura religiosa. O homem pecaria inevitavelmente, seria redimido e reincidiria sempre.

Seguindo na ilustração do que chamaremos de "teologia culpabilizante", a Epístola de São Paulo aos Efésios, a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho, relaciona que o marido deve limitar-se a penetrar sua esposa, sem tocá-la em qualquer outra parte, devendo o mesmo fazer a mulher. As considerações referentes a isto nos colocam, também, diante do controle absoluto sobre as mulheres. As recomendações sobre a posição assumida pelo casal na prática sexual - a mulher deve estar sob o corpo do marido, sendo outras posições consideradas contrárias à natureza - traz em si a questão da submissão feminina, demonstrando o papel masculino de "submeter e domar" a mulher, como nos mostra Marilena Chauí (1987). Naturalmente estas recomendações se faziam sob justificativas de maior fertilidade e filhos saudáveis.

Com relação à afirmativa corrente de que a mulher fora criada a partir do homem, feito à imagem e semelhança de Deus, o

corpo da mulher seria coberto por não espelhar a imagem ou a glória divina (Chauí, 1987).

A condenação da mulher é absoluta e nesse sentido lembramos o livro de Jó afirmando: "como pode o homem ser puro, ou inocente o nascido de mulher? Quem fará o puro sair do impuro? Ninguém" (Chauí, 1987).

Salientamos também que só no século XI (1049 a 1055) o papa Leão IX decretou castidade absoluta para o clero. Há relatos, sobretudo salientados por Jaques Ruffié, de que o concubinato, mesmo clandestino, persistiu por muito tempo. Refere-se ainda neste período certa quebra da austeridade que se observava através da divulgação de contos licenciosos e até prostituição. Nesta altura foram criados pela igreja os tribunais da Inquisição, cujo objetivo primeiro era o combate à luxúria, temendo a igreja que a licenciosidade pudesse lhe diminuir a autoridade. Só depois a Inquisição se encarregou dos heréticos. O desejo sexual, considerado demoníaco, era perseguido inexoravelmente (Ruffié, 1986).

As questões que temos levantado através dos textos citados nos colocam diante de um longo caminhar pela formação da moral sexual vigente, que no nosso entender se relaciona com certas vivências atuais.

As restrições impostas pelo cristianismo, como as citadas, ou a exaltação às virtudes conjugais, já eram referidas, segundo Michel Foucault, por Plínio, no seu "Introdução à Vida Devota". Dentro deste espírito de exaltação, lembremos as

obsvservações feitas por São Francisco de Sales, referindo-se aos elefantes por sua nobreza e modelo adequado para os casais, posto que estes animais não trocam de fêmea, acasalam-se a cada três anos, deixando-se a fêmea "ser coberta" pelo macho por alguns dias e só retornando ao bando após um banho purificador.

Além dos aspectos referidos pelo cristianismo, vale salientar uma exaltação mais anterior à abstenção sexual na antiguidade pagã, com relatos elogiosos a homens que podiam negar a sexualidade através de votos de castidade. Antes disso, a Grécia honrou modelos de abstenção sexual. Michel Foucault, (1984) entretanto, ressalta com propriedade que não se pode inferir completamente que a moral sexual cristã forme continuidade com o paganismo. Segundo ele,

"é preciso não concluir dessas poucas aproximações que puderam ser esboçadas, que a moral cristã referente ao sexo estava, de certa forma, "pré-formada" no pensamento antigo; deve-se antes considerar que, bem cedo na reflexão moral da antiguidade, formou-se uma temática - uma quadritemática - da austeridade sexual em torno e a propósito da vida do corpo, da instituição do casamento, das relações entre e homens da existência de sabedoria".

A questão da norma sexual, a virgindade e a ausência da vida sexual fora do casamento correspondem também a um eixo de preocupações atuais. Sigmund Freud, por exemplo, ao escrever em 1908 o artigo - Moral Sexual "Civilizada" e Doença Nervosa Moderna - onde fala da influência, vista por ele como prejudicial, da civilização através da forte repressão sexual, afirma, no que classificou de neuroses atuais, o caráter etiológico da privação sexual. (Freud, Vol. IX, 1908).

Mesmo reconhecendo que a referida "quadriemática" da antiguidade não faz continuidade clara com a moral cristã, acreditamos haver todo um complexo elo de ligações, como tentamos demonstrar. Partiremos para considerações mais específicas, agora demonstradas por achados atuais de pesquisa, sobre a presença desta moral atualizada e talvez ressaltada pelos tempos, digamos, de epidemia de uma importante doença sexualmente transmissível.

Desdobraremos alguns elementos ligados à própria história da sexualidade que coincidiram com a pesquisa realizada, temas que se repetiram como a virgindade, as relações no casamento, a fidelidade, a homossexualidade, a prostituição e teceremos posteriormente considerações sobre a história das doenças, abrindo caminho para elementos e dados referentes à AIDS.

A temática da virgindade nos coloca frente à própria moral sexual relativa ao casamento. Este tema aparecia com frequência nas formulações religiosas e mesmo no conjunto de atitudes "recomendáveis" para a mulher antes do matrimônio - recomendação esta quase sempre não feita ao homem. Vale tecer algumas considerações sobre o tema e tentar perceber sua atualização nos dias de hoje, através dos relatos escutados.

Salientamos, e já o referimos, como também nos fala Ruffié, que a mulher sempre foi mantida sob controle, por simbolizar a fraqueza diante do pecado, mas também por não ser a imagem do Deus-pai. Além disso, acreditamos que, mantida longe do segredo do prazer sexual até poder ser "possuída" por seu

marido, a mulher está colocada diante de um elemento de domínio do homem sobre ela. Ilustrativamente, lembramos a primeira Epístola a Timóteo, II - 1,2, que afirma: "não permito à mulher ensinar nem dominar o homem, que ela se mantenha portanto em silêncio. Foi Adão o primeiro a ser modelado. Eva só depois. E não foi Adão o seduzido e sim a mulher que seduzida caiu na transgressão". (Ruffié, 1986, pp. 146, 147).

Verificamos que ao longo de toda a história da igreja a devoção à Virgem Maria sempre foi uma constante. Além disso, muitas discussões se faziam até sobre o caráter lícito ou não do prazer sexual para a mulher durante o coito.

O valor da virgindade se coloca enfaticamente desde o século III, com referência à renúncia ao sexo e à união com o Cristo. Salientamos também que na antiguidade, sendo a mulher destinada ao casamento e à procriação, a abstinência é relativizada. Soranos ressalta a inconveniência da virgindade apenas para a mulher que se priva de exercícios e não dá utilidade à sua vida, considerando assim a virgindade perpétua saudável para os dois sexos (Foucault, 1985, p. 125).

As recomendações da medicina antiga em relação à regulamentação do prazer e o regime sexual dá conta do controle da sexualidade pelo caráter moral e religioso, bem como pela própria autoridade médica. Mais adiante teceremos considerações mais pormenorizadas sobre o estabelecimento das relações feitas entre sexualidade, saúde, doença e morte.

A discussão sobre o tema da virgindade aponta para as considerações sobre o próprio exercício da sexualidade no casamento, a questão da fidelidade e a promiscuidade.

O século XIII aponta o casamento como uma solução encontrada por Deus para livrar o homem do pecado. Os teólogos dessa época ressaltam que o homem, tentado pela idéia do adultério ou o desejo de satisfação individual, encontrará no casamento a possibilidade de evitar o ato nefasto. Existiam considerações também de que os esposos que se uniam numa relação sexual para a busca exclusiva do prazer estariam cometendo falta grave.

O século XVI através de Thomas Sanchez aponta para a possibilidade dos cônjuges se unirem entre si, desde que não evitem a procriação; assim sendo, a conjunção sexual não seria pecado. A sutileza está no sentido de que agora a busca apenas ao prazer continua condenável, este só seria aceito se não fosse separado da função procriadora (Flandrin, 1987).

Michel Foucault aponta como importantes as determinações sobre a vida sexual dos casados, pois ela se apresentará em toda a tradição cristã que fundamenta a própria norma sexual ocidental.

Além das considerações sobre a própria função sexual no casamento, todos estes elementos remetem à própria noção da prática sexual dentro de rigores estabelecidos, o que implica tecer considerações acerca da fidelidade e da própria atitude

dita promíscua e, em sequência, considerações acerca da prostituição.

Todo o discurso sobre a norma sexual rígida no casamento fala também da condenação ao ato sexual fora deste. Contemporaneamente podemos salientar a grande repressão ao adultério, sobretudo das mulheres.

A condenação ao adultério é moral, mas também diz respeito às relações de poder, posto que esta prática geraria bastardos que participariam da partilha de bens.

A questão do exercício sexual sempre passou pela condenação aos ditos "excessos" - a repressão ao chamado promíscuo. A associação entre excessos sexuais e doença será analisada em seguida, face à sua atualização com o advento da AIDS.

Este contexto permite algumas reflexões sobre a questão da prostituição, do ponto de vista histórico e social, o que naturalmente lançará luz sobre certas percepções atuais.

Toda a condenação ao sexo que vise "apenas" o prazer leva à contestação da prostituta. Entretanto, nos deteremos em um aspecto importante, considerando a própria perspectiva encontrada nos dias atuais em relação ao "uso" social da prostituta. Esta perspectiva, que diz respeito a um dos achados desta pesquisa, merece algumas reflexões teóricas.

Utilizando a sociedade urbana Francesa do século XV como ilustração, Jacques Rossiaud aponta a preocupação das prefeituras com as atitudes turbulentas juvenis e que sugeriam a prostituição como elemento colaborador para a manutenção da ordem. Neste sentido aponta períodos onde a prostituição passou de simplesmente "tolerada" para aquela "tutelada" pelo Estado. (Rossiaud, 1985).

Naturalmente, todas as considerações sobre a prostituição passam pela questão do poder e das diferenças sociais. Marilena Chauí aponta estudos feitos sobre a prostituição e a própria caracterização de tipos, partindo da indumentária, locais de origem, localização de prostíbulos, etc. Aponta ainda a "necessidade" e "utilidade social" da prostituição em todos os agrupamentos urbanos (1987).

A rígida moral sexual no casamento e o controle da sexualidade abrigam atitudes ambíguas - a prostituição é aceita até como elemento socialmente útil e "utilizada", entretanto, a sexualidade mais livre é condenada como um todo. Em nossa cultura, a iniciação sexual masculina com a figura da prostituta constitui quase um elemento de ritual.

Estas considerações sobre a sexualidade não podem passar ao largo da homossexualidade masculina, pela ênfase dada ao tema em toda a pesquisa e pela importância assumida, considerando a própria epidemiologia da AIDS.

Toda a pesquisa que pudermos empreender é insuficiente na elaboração de uma intimidade com o tema da homossexualidade,

que, como de resto toda a literatura sobre a sexualidade, é por demais abrangente. Entretanto, alguns pontos podem ser focalizados.

Salientamos o artigo de Paul Vayne (1985), que coloca a questão da homossexualidade na perspectiva de uma compreensão útil até nossos dias. A problemática homossexual, sem nos deter aqui em considerações sobre sua gênese do ponto de vista individual, sempre comportou elementos de ambiguidade. Na Roma antiga, a aprovação ou não das relações homossexuais passava por considerações que diziam respeito às próprias relações de poder. A penetração do escravo por seu senhor era lícita, entretanto, absolutamente inaceitável um cidadão se submeter a uma relação homossexual passivamente. A própria denominação de "antinatural", na antiguidade, não diz respeito a nenhum caráter monstruoso ou sujo, mas, somente, à infração de regras sociais. O próprio Artemidoro distingue nas "relações conforme a norma" aquelas com a esposa, uma amante ou com escravo "homem ou mulher", enfatizando: "ser penetrado por seu escravo não é bom, é uma investida e isso indica desprezo por parte do escravo" (Vayne, 1985, p. 40).

Sabe-se que não foi a helenização de Roma que trouxe a indulgência para com o amor entre homens - ela estava presente anteriormente entre os romanos. Os gregos por sua vez além de tolerância, guardando as relações de poder, aceitavam algo mais, ou seja: o suposto amor "platônico" de homens adultos por jovens nascidos livres que frequentavam escolas ou ginásios, sendo

vistos nus pelos mais velhos. "Em Roma o efebo livre era substituído pelo escravo, que servia de favorito" (Vayne, 1985, p. 42). Esta aceitação se explicava com a crença de que o homem poderia ser tão viril e potente que as mulheres não lhe bastavam, precisavam também penetrar seus escravos.

A suposta aceitação incondicional da homossexualidade na antiguidade, não constitui uma verdade completa. As regras de aceitação passavam por relações sociais complicadas. A relação de passividade era inaceitável e até passível de punição, quando feita pelo cidadão livre ou soldado.

A questão da passividade nos remete à consideração da condenação não apenas do ato homossexual, mas, também, do elemento passivo como lascívia.

A conduta homossexual era portanto passível de uma regulação até rígida. Os trejeitos femininos não eram apreciados, chegando Roma a proibir a ópera, em alguns momentos, por ser pouco viril, estimulando a luta entre gladiadores. Certas práticas sexuais eram consideradas vergonhosas, sobretudo a felação. Paul Vayne (1985) lembra que esses atos estavam para os romanos assim como os preconceitos atuais com as chamadas "bichas". Afirmamos aqui que o caráter pouco aceitável da homossexualidade perpassa vários períodos históricos, se não a condenação completa, ao menos certa ambiguidade no lidar com o tema.

Mais contemporaneamente, pode-se afirmar que a própria visão da homossexualidade como perversão, estabelecida por

Krafft-Ebling, se fez presente até tempos muito próximos, mesmo considerando períodos recentes de grande exacerbação da homossexualidade, coincidentes com liberalização sexual como um todo.

Nos tempos atuais, face à escalada da AIDS, muito se fala da promiscuidade do "mundo" homossexual. Michael Pollak situa com precisão toda a conduta homossexual, ao menos na era "pré-AIDS". Coloca o caráter proibitivo da homossexualidade na razão da própria existência de um cálculo racional de sua prática, na tentativa de otimização do tempo e do prazer com os parceiros. As considerações feitas no trabalho de Michael Pollak (1979) serão de fundamental importância na análise do comportamento sexual do grupo homossexual diante dos achados atuais que dizem respeito à presença da AIDS. (5)

O passeio histórico pela questão da homossexualidade deve salientar as considerações de Philippe Ariés (1979), que, partindo da própria condenação da homossexualidade por parte da igreja cristã, ressalta também o final do século XVIII e início do século XIX, onde a associação entre a homossexualidade e a "monstruosidade", oriunda até de elementos medievais, era atributo do demônio. A própria medicina do século XVIII tomou para si a concepção sacralizada da homossexualidade.

Toda a medicalização e preconceito contra a homossexualidade abriu espaço para as lutas nas últimas décadas em relação à sua aceitação. As considerações sobre a própria história da sexualidade, incluindo aqui a homossexualidade, são

revistas e talvez atualizadas no estudo acerca da presença da AIDS, como pretendemos com esta pesquisa.

2.2. Doença e Sexualidade ou o Doente Pecador

As relações entre a sexualidade e o adoecer são antigas. Mesmo entre os gregos, onde a relação sexual entre homens eram aceitas, e em certos casos até valorizadas, algumas recomendações sempre se fizeram sobre o valor da abstenção sexual.

Hipócrates, no tratado "Das Doenças", fala da tísica dorsal "como patologia dos recém casados, inclinados às relações sexuais". Neste tratado muitas considerações são feitas sobre as relações entre o adoecer e o "excesso sexual". (Foucault, 1984).

É importante salientar que estas breves considerações não falam da negação do valor da sexualidade. A própria atividade sexual se coloca no horizonte da vida e da morte, do "drible" da mortalidade para o "vir a ser" imortal. Aristóteles e Platão ressaltam este aspecto com muita enfâse, relacionando a vida sexual como tentativa de imortalidade. Como afirmou Platão, citado por Foucault, "um artifício" que assegura ao indivíduo um rebrotar dele mesmo (Foucault, 1984, p. 121).

Mais uma vez é Foucault quem nos chama atenção para a "desconfiança" em relação aos prazeres sexuais como um fato na antiguidade. Os efeitos nocivos dos excessos sexuais para o corpo são salientados.

A austeridade sexual diz respeito, portanto, ao próprio cuidado que o indivíduo deveria ter por si - o indivíduo como sujeito de seus atos e da relação disto com sua saúde. Num paralelo contemporâneo, podemos salientar o aspecto preventivo da AIDS, onde a pessoa fará sua própria prevenção, seguindo preceitos e cuidados, como redução de parceiros (reduzir a promiscuidade e os "excessos"), mudanças de práticas, etc.

Na antiguidade, e em certo sentido na atualidade, a própria medicina pode atuar para além da intervenção preventiva ou curativa, chegando à própria regulamentação do uso do corpo.

Além destes elementos, salientamos, num paralelo com a sexualidade como um todo, as relações do adoecer com a noção de pecado e a questão da culpabilidade. É portanto oportuna toda esta reflexão em tempos onde o adoecer gravemente tem relação com a vida sexual das pessoas. Portanto, a própria noção de "falta" se dá em dois níveis. Isto faz uma importante referência na forma de lidar com a doença e também, sobretudo, com os doentes; e mais, a própria maneira de encarar a vida sexual na perspectiva de sua relação com o adoecer.

A concepção religiosa da doença se coloca no Velho e no Novo Testamento. A referência ao "mal" - que inclui as doenças decorrentes da ação nociva do homem e não de Deus - como privação do bem. A presença divina na doença, no Antigo Testamento, como aponta Giovanni Berlinguer, diz respeito à punição por faltas cometidas; logo, a doença estaria ligada diretamente ao pecado, assim como no Novo Testamento, (Berlinguer, 1988).

A noção de culpa associada à doença é assinalada em várias culturas primitivas da Polinésia e do Alasca. A presença do curandeiro e a própria origem xamanística da medicina remetem à noção de falta associada ao ato de adoecer. O encaminhamento dos doentes à oração, antes mesmo da procura ao médico, era prática entre assírios e judeus. Isto nos remete à noção de pecado associado ao adoecer (Kaplan e Sadock, 1986).

Ilustrativamente, vale salientar alguns exemplos referentes ao próprio estudo da peste na Europa, como o fez Jean Delumeau. Esse estudo fala da representação que a peste tinha para a comunidade. Do ponto de vista histórico, sempre vinha associada a outros flagelos igualmente importantes, como a fome e a guerra. As imagens da peste correspondiam a anúncios celestes de grandes catástrofes. A igreja colocava essa epidemia como a representação da cólera divina e em associação com faltas e pecados. Um relato primoroso e ilustrativo disto está contido no próprio Diário do Ano da Peste, de Daniel Defoe (Londres 1665):

"Era uma coisa muito triste ouvir as lamentações angustiadas das pobres criaturas moribundas pedindo um sacerdote para consolá-las e rezar junto, para aconselhá-las e orientá-las; clamavam perdão e misericórdia a Deus, confessando seus pecados antigos em voz alta. O mais valente dos corações sangraria ao ouvir todas as advertências dos penitentes moribundos, dizendo aos outros para não protelarem e adiarem seu arrependimento até o dia da desgraça. Em tempo de calamidade como aquele não era mais hora para arrependimento, para suplicar a Deus"... (Defoe, 1665, p. 146).

Jean Delumeau, em a História do Medo no Ocidente, fala da peste e ressalta as relações da doença com a falta e o pecado. Demonstra que a peste tinha algumas explicações fundamentais

oferecidas pelos eruditos, pelo povo em geral ou por este e a Igreja. A erudição falava da "corrupção do ar" pelos elementos fétidos da terra (pútridos) aliados a fenômenos celestes (cometas, planetas, etc). O povo em geral se dividia em duas opiniões: uma dizia respeito à disseminação da peste por "semeadores do contágio" que disseminavam maldosamente e voluntariamente a doença: na outra, explicavam conjuntamente com a Igreja como resultado da punição divina diante de faltas e pecados da população inteira (Delumeau, 1989).

Todo este cenário histórico abre caminho para algumas considerações sobre a AIDS. As relações da doença com as faltas, a relação com o pecado, bem como o sentimento de que o mal vem de outro, a sugestão da necessidade de perseguir os "disseminadores" da doença permite com certeza falar da AIDS e, com isto, criar espaço para nossa pesquisa e seus resultados.

Um exemplo fundamental diz respeito à própria ação em relação aos leprosos e à fundação da medicina social, através das políticas de quarentena. A história da medicina, em muitos pontos confunde-se com a história das doenças. Pericle Di Pietro, historiando o pensamento médico, diz:

"o leproso era considerado como punido por Deus por suas graves culpas, e era por essa razão que deveria ser isolado da conviência dos homens. Porém, era-lhe permitida a entrada na cidade em ocasiões particulares, como na Semana Santa, para não privá-lo de ajuda divina, da qual evidentemente tinha necessidade..." (Berlinguer, 1988, p. 77).

A doença, portanto, se relacionada às faltas cometidas, tinha, como afirmamos anteriormente, uma representação coletiva nas grandes epidemias. Os grandes surtos de doenças na Europa devem ser salientados, além da peste, entre 1348 e 1720, a tifo, na guerra dos 30 anos, a varíola, a gripe pulmonar, no século XVIII e a cólera, por volta de 1831. O estudo dos grandes períodos de doença também parece ser útil na compreensão de comportamentos coletivos.

O valor do contágio inter-humano sempre foi ressaltado, ao contrário do papel dos ratos, como o faz Albert Camus. Ratos e pulgas, como transmissores, foram ignorados em grandes períodos. Neste sentido, a "caça" ao transmissor humano ou seu isolamento estariam explicados.

Consideremos agora o cenário particular da epidemia de hoje: a AIDS.

2.3 A AIDS

Toda a compreensão da história da sexualidade sob o olhar do censor e da doença ligada à norma e ao pecado, emolduram as considerações acerca da AIDS propriamente dita. Falar nestas óticas é falar também de tempos atuais com o olhar para o passado. Já discutimos a importância do tema e ilustraremos nossas conclusões com todo o material etnográfico obtido e analisado; entretanto, algumas informações adicionais são úteis.

A AIDS suscita grandes reflexões, por sua forma de transmissão: sangue e esperma. Estes, normalmente símbolos vitais, agora ameaçadores. Esta patologia nos remete a questões ligadas ao exercício da sexualidade e sua regulação, o que necessariamente "põe à mesa" elementos referentes ao pecado e à culpa. Além disto, põe em relevo a própria impotência médica diante de um mal avassalador.

Michael Pollak aponta com propriedade a importância da AIDS, fazendo um paralelo com considerações sobre um "Tempo de Peste" de William McNeil, onde as mudanças sociais e os modos de vida são seguidos cronologicamente por processos de doença. Ressalta que populações afastadas, entrando em contato entre si, modificam as trocas entre os indivíduos e aumentam o poder de virulência de agentes infecciosos que podem atacar aqueles com menor defesa imunológica (Pollak, 1988). Estes comentários são condizentes com as considerações de alguns autores, como Guy Hocquenghen, ao falar das mudanças cíclicas que ocorrem na história da humanidade, onde períodos de liberalização são acompanhados de grande reviravolta (Hocquenghen, 1977). Ilustrativamente, podemos citar a Berlim dos anos vinte e, posteriormente, a ascensão do nazismo em seu seio.

A própria história da doença no mundo fala da identificação de grupos mais atingidos, denominados de "grupos de risco".

A descoberta do agente etiológico viral coloca em questão o conhecimento da contaminação e o significado social de tudo isto. Num paralelo (que particularmente nos interessou nesta

pesquisa), remete às considerações sobre o comportamento sexual em geral e às atitudes referentes aos "grupos de risco", ou aqueles identificados como possíveis "disseminadores do mal".

Fizemos algumas referências à peste na Europa, mas para enriquecer a ilustração podemos salientar a sífilis e sua aparição por volta de 1480. O período sífilítico também teve seu aparecimento em tempos de licenciosidade, como demonstra Pollak, e esta doença suscitou a caça às prostitutas e a condenação formal da sodomia. Podemos então falar daquilo a que já nos referimos de forma indireta, também apontado por Pollak, a tríade "sexo-doença-punição".

A AIDS ainda traz à tona amplas discussões sobre a condenação moral a certas práticas sexuais e outros costumes, bem como ao conhecimento público elementos da vida privada da pessoa, até então inconfessados. Esta doença força a se dizer aquilo que até então se encontrava no registro do "não-dito", por vezes até num "acordo" de negação mútua, silenciosa, entre o sujeito e familiares ou amigos e colegas de trabalho.

A epidemiologia da doença aponta, desde seu surgimento, para uma grande importância. Do ponto de vista da incidência geográfica, trata-se de patologia de características mundiais, acometendo indivíduos de todos os continentes. A OMS (Organização Mundial de Saúde) divulga as projeções para a década de 90 em cifras alarmantes. Partindo dos casos já notificados, oferece como total:

69% são de 43 países das Américas
16% são de 47 países da África
14% são de 28 países da Europa
01% são de 31 países da Ásia e Oceania.

Ressalte-se que estes dados não incluem um grande número de sub-notificações. A estimativa é de meio milhão de casos de AIDS acumulados desde 1980. Ênfase ainda é dada ao crescimento do número de indivíduos infectados: de 100.000 pessoas infectadas no início da década de 80, esta cifra já é calculada entre 5 e 10 milhões de pessoas. A distribuição, segundo a OMS, se daria assim (considerando o menor número):

África: 2,5 milhões de pessoas
Américas: 2 milhões de pessoas
Europa: 500 mil pessoas
Ásia e Oceania: cerca de 100.000 pessoas.

Do ponto de vista das faixas etárias atingidas, ainda utilizando dados da OMS, podemos concluir que o período etário de maior produtividade do indivíduo é o mais atingido. Em termos gerais, a faixa mais acometida é aquela compreendida entre 20 e 45 anos.

Neste sentido, o Brasil acompanha o mesmo ritmo. Dados obtidos do Ministério da Saúde (1989), mostram que aproximadamente 80% dos casos se localizam na região centro-sul, (sendo 96 deste total oriundos de São Paulo e Rio de Janeiro). Seguem-se, em maior incidência, em ordem decrescente: Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Pernambuco. A faixa

etária mais acometida no país está entre 20 e 40 anos de idade. Como no mundo, a via de contaminação numericamente mais expressiva é o contato homossexual (Tabela 1).

Em Pernambuco a faixa etária mais atingida segue os demais padrões descritos (Tabela 2). Os municípios mais atingidos são Recife e Olinda (Tabela 3) e a via de transmissão mais habitual é o contato homossexual (Tabela 4).

TABELA 1
BRASIL
NÚMERO ACUMULADO E PERCENTUAL DE CASOS DE AIDS, SEGUNDO CATEGORIA DE TRANSMISSÃO E SEXO, E RAZÃO MASCULINO/FEMININO 1982 - 1988 (a)

Categoria de transmissão	Sexo				Razão M/F	(a) Total	
	Masculino		Feminino			No.	%
	No.	%	No.	%			
Transmissão sexual	2.801	76,6	78	26,4	36:1	2.879	72,8
Contato homossexual	1.793	49,0		
Contato bissexual	828	22,6		
Contato heterossexual	180	4,9	78	26,4	2:1		
Transmissão sanguínea	538	15,3	185	62,7	3:1	743	18,8
Hemofílicos	145	4,0		
Usuários de drogas injetáveis	265	7,2	91	30,8	3:1		
Receptores de sangue/ componentes	148	4,0	94	31,9	2:1		
Transmissão perinatal	22	0,6	17	5,8	1:1	39	1:0
Transmissão não definida/outras(b)	276	7,0	15	5,1	18:1	291	7,4
Total	3.657	92,5	295	7,5	12:1	3.952	100:0

Fonte: Divisão Nacional de DST/AIDS
 Serviço de Epidemiologia - Ministério da Saúde

a Dados preliminares até 30 de julho de 1988.

b Caso e/ou categoria não investigada sem, entretanto, ser caracterizada ou outra categoria definida na investigação, ou categoria definida na investigação, excluindo acima relacionadas.

TABELA 2
PERNAMBUCO
NÚMERO DE CASOS DE AIDS E PERCENTUAL, POR GRUPO ETÁRIO
1983 - 1990 *

GRUPO ETÁRIO	CASOS ACUMULADOS (1983-89)	
	No.	%
1 ano	3	1,0
1 -	1	0,3
5 - 9	2	0,7
10 - 14	2	0,7
15 - 19	6	2,1
20 - 24	41	14,1
25 - 29	63	21,6
30 - 34	59	20,0
35 - 39	48	16,5
40 - 44	27	9,3
45 - 49	17	6,0
50 - 54	10	3,4
55 - 59	5	1,7
60 e mais	3	1,0
IGNORADO	5	1,7
T O T A L	291	100

Fonte: Diretoria de Epidemiologia/Divisão de D. Transmissíveis.
 Sec. Estadual de Saúde - SUDS - PE
 * 1990 - Dados até a 16a. semana epidemiológica

TABELA 3
PERNAMBUCO
CASOS DE AIDS ACUMULADOS, POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA
1983 - 1990 *

MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA	CASOS ACUMULADOS	
	No.	%
Recife	189	65,0
Olinda	27	9,3
Jaboatão	17	5,8
Paulista	11	3,8
Outros Municípios		
Da R.M.R.	18	6,2
Total da R.M.R.	262	90,0
Interior	29	9,9
T O T A L	291	100,0

Fonte: Diretoria de Epidemiologia - Div. de D. Transmissíveis
 Sec. Estadual de Saúde - SUDS - PE
 * 1990 - Dados até a 16a. semana epidemiológica

TABELA 4
PERNAMBUCO
CASOS ACUMULADOS DE AIDS, SEGUNDO CATEGORIA DE TRANSMISSÃO,
FATOR DE RISCO ÚNICO E MÚLTIPLOS E SEXO
1983 - 1990 *

Categoria de Exposição (Fator Único)	Sexo			Total	
	Masculino	Feminino	Razão M/F	No.	%
Transmissão sexual	216	10	2,6/1	226	77,7
Contato homossexual	125	-	-	125	43,0
Contato bissexual	81	-	-	81	27,8
Contato heterossexual	10	10	1/1	20	6,8
Transmissão sanguínea	27	9	3/1	36	12,4
Hemofílicos	6	-	-	6	2,1
Usuários Drogas EV	9	2	3,5/1	11	3,8
Receptores sangue/Comp.	11	4	2,7/1	15	5,1
Transmissão perinatal	1	3	0,3/1	4	1,4
Transmissão não definida/outras**	24			24	8,2
SUB-TOTAL	267	19	14/1	286	98,3

Categoria de Exposição Fatores Múltiplos	Sexo			Total	
	Masculino	Feminino	Razão M/F	No.	%
Homo/Bissexual/+Drogas EV	5	-	-	5	1,7
TOTAL	272	19	14/1	291	100,0

Fonte: Diretoria de Epidemiologia/Divisão de Doenças Transmissíveis
 Secretaria Estadual de Saúde - SUDS - PE
 * 1990 - Dados até a 16a. semana epidemiológica
 ** Caso e/ou categoria não investigada, ou investigação
 inconclusiva

Nas considerações acerca do traçado de um "perfil" para o doente de AIDS no Brasil, merece atenção o estudo da ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS) realizado por Carmem Guimarães, Herbert Daniel, Jane Galvão e Ranulfo Cardoso Jr. (1988). Esse estudo não aponta a AIDS como "doença das elites". A pesquisa refere a importância de veicular as campanhas de prevenção como acessíveis a todas as classes sociais, pois

não se trata de patologia de grupo sócio-econômico definido, mas, de uma patologia "generalizada". Naturalmente que a probabilidade do impacto da doença, subjetivamente nas diferentes classes sociais, pode merecer estudos mais específicos.

Salientamos que além dos aspectos epidemiológicos que consideramos brevemente, os elementos subjetivos chamam nossa atenção. O pânico em relação à doença leva a atitudes de negação e também de extremo preconceito. O contato com a informação sobre a contaminação leva a sentimentos possíveis de morte imediata.

Compreendemos que o entendimento da concepção da doença, levando em conta a compreensão acerca da sexualidade, nos auxilia no entendimento da vivência sexual nos tempos atuais e no lidar com a soropositividade, os representantes dos "grupos de risco", etc.

O próprio conhecimento das atitudes fala da necessidade de pensar certas medidas tomadas em relação aos pacientes de AIDS. Como por exemplo, a proposição do deputado francês, François Bachelôt, profundamente analisada pela revista Gai Pied hebdo (1988), da criação de chamados "Sidatórios" (lugares para isolamento dos pacientes aidéticos) ou a política de quarentena adotada por Cuba (The New England Journal of Medicine, 13 de abril de 1989). Estes dados são graves por representarem, em nosso entender, uma discriminação importante aos doentes ou a pessoas simplesmente infectadas, além da possibilidade de falsos positivos, sobretudo na ausência de testes mais refinados, como o ELISA e o WESTERN BLOT. Seja como for as propostas de isolamento são condenadas, inclusive, pelas organizações internacionais.

Isolamento de doentes e portadores do HIV, atitudes preconceituosas frente a indivíduos contaminados ou não são uma constante no depoimento daqueles que lidam com a patologia. O Grupo de Apoio e Prevenção da AIDS em Pernambuco (GAPA-PE), testemunha isso na pessoa de seu presidente, João Valença. Escolhemos este depoimento ilustrativo, por considerarmos os GAPA, em todo o Brasil, de grande importância. Certamente a condição de fundador e líder do Grupo em Pernambuco, credencia Valença a oferecer informações preciosas e calcadas na experiência do dia a dia.

O depoimento de João Valença iniciou com o que nos pareceu uma ilustração da relação que se estabelece, inclusive pelos médicos, com as doenças sexualmente transmissíveis. Discorrendo demoradamente sobre a dificuldade pessoal que enfrentou no diagnóstico de sífilis, em Recife, e de alguns pacientes aids, cujos diagnósticos foram protelados amplamente pelos médicos, João Valença afirma a dificuldade de conviver com a patologia: "os médicos são espelho de um quadro social preconceituoso. Eles têm medo de saber dessa doença por motivos morais, e passam assim a ter uma atitude imoral". Ressalta, ainda, que no próprio lidar com a doença percebe, por parte dos médicos, uma enorme "curiosidade" em relação à vida sexual pregressa do paciente: "os médicos pedem detalhes, escarafucham a vida sexual anterior, o que naquele momento de doença instalada não tem sentido; parece com o que os sacerdotes faziam". Levanta a hipótese de tentativa, mesmo involuntária, de culpabilizar o paciente, com o que concordamos.

Este quadro de censura e preconceitos é também observado pelo entrevistado nas famílias e amigos dos pacientes, bem como a atitude da Igreja frente aos padres que se contaminaram. Neste contexto nos fala também da necessidade, observada em alguns, de "negar" a própria homossexualidade que a AIDS, por vezes, escancara.

Todo o relato do presidente do GAPPA, aqui colocado, em termos mais gerais, aponta para os achados da pesquisa. Consideramos que a relação estabelecida com os pacientes diz respeito à própria atitude frente à sexualidade, sobretudo à prática homossexual.

Do ponto de vista das atitudes em relação à vida sexual, utilizamos alguns dados das pesquisas feitas pelo Gai Pied Hebdo (Paris) e analisados amplamente por Michael Pollak. A última delas, publicada em fins de 89, aponta significativo aumento no uso de preservativos entre os homossexuais, redução do número de parceiros e mudanças na prática sexual *.

Tudo isso reforça a importância da AIDS no mundo. Muitas abordagens podem ser feitas considerando esta patologia, mas, certamente, tem grande valor pensar em seu impacto social e modificações ou cristalizações de posições frente à sexualidade, ao adoecer, ao contato com portadores, aos "grupos de risco", etc.

* N.A. - Não temos conhecimento de dados semelhantes publicados no Brasil.

NOTAS - CAP 2

1 - Sugerimos a este respeito, entre outros, o trabalho de Eugéne Enriquez: *Da Horda Ao Estado - Psicanálise do Vínculo Social*, onde utilizando textos Freudianos, como o "Totem e Tabu", fala do próprio advento do social e a ordem cultural com a proibição do ato incestuoso.

2 - A problemática do incesto e os arranjos sociais elaborados a partir desta restrição são profundamente abordados por Robin Fox: *Parentesco e Casamento - Uma Perspectiva Antropológica*, (1986).

As considerações sobre as restrições ao incesto e exogamia (p. 67) bem como as motivações para evitar a conduta incestuosa são ressaltadas. O autor também tece considerações sobre as afirmativas Freudianas no "Totem e Tabu", frisando a proibição como condição para "nos tornarmos humanos" (p.72). Vale também salientar o estudo de Alan Barnard e Anthony Good: *Research Practices in the Study of Kinship*, Academic Press (Londres, 1984).

3 - Os sonhos sexuais analisados por Artemidoro levam em consideração três tipos de atos: aqueles "Conformes à lei (Kata Nomon)" que compreende o adultério, a procura a prostitutas, a utilização sexual dos escravos da casa e a masturbação de um serviçal. Aqueles "Contrários à lei (Para Nomon)" compreendendo os atos incestuosos e os "Contrários à Natureza (Para Phusin) tecendo considerações sobre as

posições no momento do ato sexual, sexo oral, bem como a natureza dos parceiros, por exemplo: sexo com os Deuses, com animais, com cadáveres, relações entre duas mulheres. Curioso salientar ser esta uma das poucas alusões ao sexo entre mulheres na literatura histórica sobre o assunto.

4 - Devemos também levar em consideração a própria compreensão da homossexualidade no Brasil. Grande importância deve ser atribuída ao artigo de Peter Fry; "Da Hierarquia à Igualdade: A Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil", in Fry, Peter. *Papa Inglês Vec*, 1980, p. 87. O trabalho de João Silvério Trevisan: *Devassos no Paraíso* (1980) também oferece um percurso histórico valioso, com alusão ao próprio papel da igreja católica na constituição histórica da visão que se tem da homossexualidade no Brasil.

5 - Sobre a questão homossexual e as considerações na atualidade salientamos os trabalhos de Nestor Perlongher. Aqui nos detemos também no seu artigo "A Tipologia das Homossexualidades numa pesquisa social (1986)". Mesmo que não procedamos a estudo destas características o artigo classifica elementos fundamentais para uma compreensão mais globalizada do tema.

3. A ANÁLISE

3.1. O Sim e o Não na Dinâmica da Pesquisa

A observação do material das entrevistas nos leva a algumas considerações mais gerais, antes de nos determos em alguns temas específicos de nosso estudo.

A faixa etária dos informantes, entre 18 e 22 anos, constitui uma certa uniformidade proposital. Como ressaltamos na análise da metodologia utilizada, visamos considerar os jovens em idade sexualmente ativa e cuja iniciação sexual se deu dentro do período que compreende a descoberta e escalada da AIDS no mundo. Do ponto de vista da condição sócio-econômica, o padrão de uniformidade também foi mantido. Com pequenas flutuações, consideramos que o próprio acesso à educação universitária, em nosso País e Estado, caracterizava uma diferenciação sócio-econômica. A observação de dados de vida dos informantes nos possibilitou, por inferência, perceber que a uniformidade se mantinha. Todos os entrevistados viviam em casa própria dos pais, assim como dispunham de transporte próprio, ou dos pais, para se deslocarem até a universidade ou o lazer.

Quanto à profissão dos pais, a pesquisa revelou uma formação profissional definida, com nível universitário, pelo menos do pai, na maior parte dos casos.

A referência frequente à "turma da faculdade" ou ao "pessoal do colégio", enfatizando aspectos relacionados à

socialização, permitiu deduzir que os informantes constituíam um grupo de características definidas. Assim é que observamos identidades sociais claras, como a frequência aos mesmos "bares" ou "boates" e a referência a pessoas de outros cursos conhecidas nos tempos de colégio. Seis dos informantes referiam-se à "turma do colégio", de um modo em que ficava evidenciado o sentimento de continuidade dos grupos do curso secundário, pelo menos nos primeiros semestres da universidade. Este aspecto nos remetia à permanência dos informantes num sistema referencial ainda próprio de suas adolescências, facilmente perceptível não apenas pelas idades, mas, sobretudo, pelos sentimentos de pertinência, mesmo fragmentada, a grupos de colégio ou cursinho pré-vestibular. A observação falava a favor, também, de certa afinidade social e econômica durante toda a vida dos informantes. Um reparo adicional é que na constituição do grupo dos informantes ficou clara a predominância dos chamados grandes cursos de cada centro pesquisado, para os quais o acesso através do vestibular é quase um privilégio daqueles mais diferenciados economicamente.

Não consideramos relevante a observação detalhada e estatística desta inferência por não ser fundamental no tema exposto. As diferenças no comportamento sexual dentro de classes sociais comportaria padrões distintos em classes sociais marcadamente distintas.

No que diz respeito ao sexo, a grande maioria dos entrevistados é do sexo masculino. Um desses informantes masculinos salientou que, provalmente, estaríamos tendo dificuldades com estudantes do sexo feminino, porque, em sua

faculdade, "as mulheres são muito fechadas, principalmente se o assunto for ligado a sexo." E acrescentou: "isto eu já noto desde os tempos de colégio". Afirmativa semelhante foi feita por outro estudante, desta vez destacando que o assunto "sexualidade" era "tabu" nas conversas em geral, "principalmente quando tem mulheres e homens no mesmo grupo", e explicando que o tema da sexualidade aparecia quase apenas através de pequenas brincadeiras.

Tentamos contato com 23 estudantes indicados entre si, a partir dos dois primeiros entrevistados, de centros diferentes na UFPE.

O primeiro achado que nos pareceu digno de registro foi a dificuldade de obter receptividade para a entrevista, quando explicitávamos o tema da pesquisa.

A principal justificativa para não conceder as entrevistas foi a pouca disponibilidade de tempo, com a alegação de provas na universidade ou acúmulo de assuntos para estudar naquele período. Foi proposta a alguns a realização da entrevista ao fim daquele semestre letivo e, mesmo assim, recusavam dizendo que em geral se ausentavam da cidade. A proposta de entrevista nos fins de semana, caso julgassem adequado, esbarrava na mesma dificuldade.

Embora os contatos tenham se distribuído entre 10 mulheres e 13 homens, o número maior de recusas se deu entre as pessoas do sexo feminino, que declinavam do convite com o mesmo padrão masculino - às vezes extrapolando a negativa ao ponto de

não atenderem ao telefone, quando solicitadas a marcar nova entrevista após um cancelamento.

Duas dessas possíveis informantes, ambas do Centro de Ciências da Saúde, solicitaram alguns dias para pensar sobre a possibilidade de concederem a entrevista. Após o prazo solicitado, ambas comunicaram, separadamente, que não se dispunham a participar da pesquisa. Uma delas, entretanto, aceitou conversar um pouco sobre sua recusa, após ser esclarecida da utilidade, para o pesquisador, da compreensão dessas dificuldades. Após pedir desculpas por não colaborar com um trabalho que julgava "importante", falando de um certo constrangimento por saber da nossa condição de professor daquela instituição, pudemos conversar. Afirmou que nossa solicitação a perturbava por não se imaginar falando sobre temas desta natureza com alguém que não fosse íntimo. Não conseguia precisar exatamente o que a constrangia. Detalhou que este tema normalmente não era abordado com frequência ou facilidade por ela e imaginava que o mesmo ocorria com suas amigas. Ressaltou também que, numa entrevista assim, teria que falar um pouco de sua vida íntima e a nossa condição de professor da instituição favoreceria encontros que ela julgava constrangedores. Desculpando-se, afirmou imaginar que eu enfrentaria dificuldades com as informações para este tipo de abordagem, "sobretudo entre as mulheres".

Quanto à outra informante, aproveitou nos encontrar com um aluno e, diante deste terceiro elemento, explicou rapidamente

sua pouca disponibilidade para as entrevistas, alegando não se sentir à vontade quanto ao tema, sem, entretanto, nomeá-lo.

Diante da nossa sugestão de conversarmos posteriormente sobre as razões da dificuldade, continuou alegando excesso de tarefas escolares.

Percebemos dificuldades equivalentes entre os homens que não se dispuseram à entrevista, mas não tivemos com nenhum deles a possibilidade de aprofundar as razões da recusa; estas se deram por telefone e de forma objetiva e rápida. A alegação, como afirmamos, era sempre de caráter aparentemente objetivo: ora giravam em torno de tarefas escolares, ora em viagens programadas, ou pouco tempo disponível, sem justificativa clara.

Em nenhum momento experimentamos, nestes contatos, atitudes de recusa grosseira ou qualquer tipo de rechaço com tonalidade hostil.

Estes dados nos fizeram refletir sobre alguns aspectos dos achados aqui incluídos - aquilo que tomamos a liberdade de chamar de "meta-achados", ou seja, aqueles obtidos da observação das atitudes que caracterizavam a recusa à entrevista ou a observação subjetiva das entrevistas feitas.

Remetemo-nos, agora, a um momento posterior da pesquisa, que diz respeito aos indivíduos que se submeteram à entrevista. Não podemos nos furtar a levantar algumas hipóteses que se coloquem em paralelo com a descrição das recusas. Afirmamos com isso que as recusas andam ao lado da aceitação para

as entrevistas, se observarmos alguns elementos, ou seja, a constatação de participação, digamos, protegida.

Chamou atenção a postura de grande parte dos entrevistados em relação à pessoa do entrevistador. Como salientamos ao descrever, na metodologia, o que denominamos "o encontro", percebemos atitudes que aqui detalharemos na perspectiva de promover a articulação com a análise mais geral dos achados da pesquisa, levando em conta também as recusas à entrevista.

Três dos informantes solicitaram que a entrevista fosse realizada em nosso consultório. Dois destes referiram sua preferência sexual voltada para práticas homossexuais; uma das entrevistas assumiu um caráter especialmente emocionado, ao se falar da homossexualidade. A presença de longos momentos de choro, a descrição da primeira experiência sexual, que correspondia já à escolha homossexual, a solicitação de opiniões nossas sobre que rumo tomar dentro de certas vivências descritas pelo informante tentavam nos colocar no lugar do analista. Este lugar não corresponde, no nosso entender, apenas a uma informação objetiva, mas, também, ao desejo de ser ajudado, a outorga à nossa pessoa de uma posição de "profissional de saúde" - o que justificaria a "fala confessional" acerca de sexualidade, sobretudo dos temas mais "secretos". O lugar no qual tentavam nos colocar, remete ao permitido discurso sobre o "tudo" do consultório do analista, buscando anular em parte o pesquisador que analisa e conclui, generalizando, para dar espaço àquele que escuta para não julgar. Neste sentido compreendia a presença do

elemento protetor de nossa identidade psicanalítica, a ambiência do consultório, o horário rigorosamente cumprido e outros aspectos do conhecimento geral do que corresponde ao chamado "setting" do tratamento.

Esta entrevista, a primeira realizada no consultório particular, nos fez refletir sobre o que poderia estar sendo feito do tema da sexualidade: remetido ao consultório, mantinha-se contido nas sagradas paredes do sigilo e do suposto respeito da escuta do profissional de saúde. Se este discurso fosse acompanhado de solicitações de tratamento psicanalítico ou psicoterápico, certamente nossa hipótese se confirmaria. As entrevistas seguintes ratificaram tal hipótese: dois deles solicitaram indicação de psicanálise, um destes perguntando se não poderia ser meu cliente no futuro; o terceiro, que não solicitou indicação, já se submetia a tratamento psicanalítico há alguns anos e teceu vários comentários sobre sua experiência de tratamento.

A observação destas três entrevistas, do ponto de vista mais geral, parece demonstrar uma grande riqueza de detalhes sobre as experiências sexuais vividas. O informante que trazia em sua história a preferência heterossexual, também chegou a detalhes importantes de sua vida pessoal, experimentando, se bem que em menor grau, certa emoção no discurso e, como afirmamos, solicitou sugestões para tratamento psicanalítico.

Abordaremos aqui, em linhas mais gerais, o lugar do sexual no discurso dos entrevistados. Mesmo não sendo nosso

objetivo proceder à análise técnica dos discursos oferecidos, algumas considerações se fazem necessárias.

O clima mais frequentemente encontrado nas demais entrevistas falava a favor de certa tentativa de criar um ambiente de informalidade e afetividade com o entrevistador. Poderíamos, talvez, falar de uma possível "sedução" - dois dos entrevistados sugeriram como local da entrevista um bar, ambos referindo que com "uma cervejinha" ficariam mais à vontade para "o papo". Percebíamos que ao longo da entrevista muitas referências eram feitas a cinema e música e, de forma geral, longos comentários sobre as condições da UFPE e peculiaridades de seus cursos. Os entrevistados que escolheram bares como local de preferência mostravam-se mais descontraídos. A tonalidade emocionada dava lugar à certa intelectualidade nos assuntos abordados. O clima informal se confirmou quando um deles nos convidou até sua casa para conhecer trabalhos de sua autoria (desenhos e pinturas). Este, como todos os outros, se dispuseram a novos contatos caso fosse necessário para complementação de dados. Alguns deles sugeriram que seria interessante encontrar comigo para um "chopp" e "um papo qualquer".

Como referimos em relação ao uso do consultório e do nosso papel de analista como facilitador ou protetor da fala sobre sexo, neste outro contexto, o clima descontraído nos colocava na posição de igual, "amigo" a quem se confia algo importante. Percebemos que alguns entrevistados faziam referência ao conhecimento que tiveram dentro da Universidade, através de colegas, sobre nossa possível postura política (candidato que

escolhemos nas eleições presidenciais). O uso da identificação com o entrevistador, colocando-o em seu universo de referências, certamente atuou na abordagem do tema. Esta consideração parece-nos remeter à mesma questão do lugar do sexual, sendo necessário, por um lado, a proteção da situação - mesmo imaginária - do papel de psicanalista ou a identificação como alguém do seu grupo, de suas referências. Neste segundo grupo, as informações nem sempre foram mais detalhadas. Cumpre salientar que este grupo "do bar" não tinha informante do sexo feminino.

Sobre a participação das mulheres na pesquisa, já nos referimos à difícil disponibilidade delas. Uma das entrevistadas decidiu nos convidar até sua casa num sábado à tarde, alegando que estaria à vontade para conversar naquele local. Ela conduziu-nos a uma sala, tendo no terraço contíguo seu pai lendo o jornal e na outra sala, também ao lado, sua mãe cuidando de uma criança. Toda nossa conversa seria ouvida sem qualquer esforço por seus pais. A entrevista transcorreu em tom solene, neutro e as perguntas respondidas sempre numa referência impessoal. Poucas informações foram dadas do ponto de vista privado. Aqui também tentou-se neutralizar o pesquisador, como, em certo sentido, também o foi nas demais situações descritas.

A situação médica ou psicanalítica, a formação identificatória dos grupos sociais e a família constituíram elementos contenedores da fala do sexo, como de resto, e tentamos demonstrar na contextualização teórica, se faz na história dos povos.

Salientamos também que na recusa às entrevistas, ou mesmo nos contatos iniciais, percebiam-se referências, por vezes assustadas, em relação à sexualidade. O tema AIDS se mantinha excluído inicialmente, mesmo quando se questionava acerca do teor da pesquisa em curso, ou seja, a inter-relação entre os assuntos AIDS e sexualidade.

Retomando os aspectos do caráter controlador do tema da sexualidade, falaremos com mais vagar da recusa à entrevista. A aceitação posta dentro dos limites do controle também merece nossa atenção. Como ressaltamos, a provável tentativa de criar uma situação, em certo sentido terapêutica, do ponto de vista psicanalítico, ou médica mais formal, colocaria em questão a permissão à fala sobre o sexo.

Além disso, a própria identidade de médico, colocada ao conhecimento de todos, pode ter dado lugar a posturas que serão analisadas mais adiante.

Como também apontamos, o esboço de inclusão do pesquisador no registro dos "amigos", trazendo como palco a mesa do bar, convites para sair ou ir até a casa do entrevistado, colocava a permissão em relação ao discurso do sexual. Por outro lado, a tentativa de neutralizar o pesquisador poderia passar também pelo fato de, tendo-o como aliado, este não ultrapassaria o limite estabelecido pelo entrevistado, procurando quebrar a "curiosidade científica" pela mera troca de idéias e opiniões;

Nestas considerações, cabe finalmente ressaltar que a presença da família teria, como de fato o tem, o poder de exercer o limite da fala, tentando cercear a investigação do pesquisador.

Os elementos citados até o momento nos colocam de frente com o paralelismo da postura do entrevistado com aquele que assumiu a recusa. Neste aspecto, a atenção do pesquisador se fez permanente. Objetivamos perceber o jogo que se tentava estabelecer, sobretudo no sentido de não permitir que nossa própria multiplicidade de papéis contribuísse tanto para alterar as observações ou para que, ao menos, o fenômeno pudesse ser observado nos dois sentidos: o movimento do possível informante ou informante de fato e a postura do pesquisador naquele momento. Isto equivale a colocar o sujeito que está no lugar daquele que investiga atento aos seus próprios elementos subjetivos, percebendo-se na tentativa de se colocar no lugar do antropólogo, que observa a si próprio, e não como mero expectador do movimento do outro. Fica portanto ressaltado que o elemento contra transferencial, sempre e inevitavelmente presente, pode ser analisado e minimizado, mesmo respeitando-se o caráter intersubjetivo da pesquisa a que se procedeu. (1)

A exemplo do que verificamos em relação ao tema da sexualidade, no sentido mais amplo, constatamos a não referência inicial, nas recusas às entrevistas, do outro assunto central - a AIDS. O silêncio sobre este assunto o coloca também na posição proibida. De início, talvez na negação de sua existência no universo dos informantes. Pela importância do tema, sua atualidade e gravidade do ponto de vista de doença com

características avassaladoras, chamava atenção sua não inclusão nas justificativas de recusa.

Esta não inclusão assumia características relativas. Três dos informantes nos perguntaram, de forma equivalente, se nós gostaríamos de saber quais informações eles possuíam do ponto de vista médico, ou se eles se informaram através da imprensa. Nos questionaram se era nosso interesse saber o nível de informação sobre formas de transmissão da AIDS no universo pesquisado.

Ficava estabelecida, portanto, a necessidade de observar o significado da AIDS para os informantes. A análise do conteúdo das entrevistas lançou luz sobre este assunto.

A descrição dos temas encontrados nas entrevistas, ou aquilo que denominamos "o discurso que persiste", seguirá uma sequência semelhante àquela observada durante a pesquisa. Tendo como ponto de partida um tema central, passamos a perceber as idéias que de imediato se seguiam ao inicialmente proposto. A análise dos demais dados seguirá dentro de certo respeito à incidência dos assuntos surgidos nas diversas entrevistas, partindo daqueles que ocorreram com maior frequência.

Um deles chegou a interrogar se nós nos encarregáramos de avaliar o nível de informações "médicas" sobre a doença entre os universitários. Compreendemos que, desta forma, tentava-se colocar a AIDS no plano da objetividade e do distanciamento que caracteriza a notícia do jornal, o informe médico, ou a campanha de prevenção. Podíamos portanto perceber como o tema era posto

num plano de afastamento de si próprio, fazendo parte do cotidiano apenas como informação externa.

Passamos a refletir se estes indicadores sugeriam recusa de falar do assunto do ponto de vista pessoal ou algum outro elemento presente. Provavelmente, mais uma vez, a identidade médica falava alto em relação às expectativas que os informantes poderiam ter sobre nosso inquérito.

Devemos salientar, a título de reforço, que a observação da ambiência das entrevistas demonstrava um paralelismo com a observação das recusas. A constituição de achados na pesquisa, do ponto de vista objetivo, nos fazia estabelecer relações com o número de pessoas que se recusaram a abordar o tema - e houve possibilidade de avaliar este aspecto com algumas delas.

Afirmamos, portanto, que pode ser estabelecida uma relação entre as recusas e a maneira de aceitação, sobretudo se considerarmos a forma de lidar com a entrevista por parte do informante, além, naturalmente, da ligação com os temas propostos. Chamamos também a atenção para o aspecto de que a identidade do pesquisador diz respeito a todas estas considerações. Nossa formação profissional, em certo sentido multifacetada, poderia ser elemento de utilização inconsciente ou voluntária por parte dos informantes, na tentativa de neutralização da pesquisa. Isto impediria ou minimizaria os elementos centrais, inclusive a observação e sua inevitável avaliação, para posterior sistematização. Este caráter, digamos,

multiprofissional, coloca-se de maneira inequívoca na escuta do pesquisador que não pode excluir parte de sua formação, no sentido profissional e pessoal. Portanto, cabe sempre a reflexão sobre este aspecto, o que nos dá o reforço do elemento intersubjetivo presente em todo o nosso percurso.

3.2 Os Temas Encontrados ou o Discurso que Persiste

Como demonstramos na análise da metodologia utilizada, as entrevistas foram todas iniciadas com a solicitação de que o informante pudesse falar sobre o que lhe ocorria a partir do tema AIDS sugerido pelo pesquisador.

Não utilizamos roteiros pré-estabelecidos com rigor no procedimento das entrevistas. Após a sugestão inicial que correspondia à solicitação de falar a partir do tema proposto, permanecíamos atentos - no sentido mesmo da atenção flutuante, como enfatizada no método de entrevistas não diretivas - e perguntando rigorosamente dentro do que era contido no discurso do informante.

Ênfase era dada nos temas que se repetiram em todos ou em grande parte dos encontros, que constituiu elemento de agrupamentos na análise feita.

Salientamos entretanto, nesta análise, que a própria solicitação de se falar utilizando a palavra AIDS como ponto de partida pode ter facilitado a associação inicial maciça com o tema da homossexualidade.

Numa posição de reflexão mais rigorosa, poderíamos até sugerir que esta associação se colocava também no imaginário do pesquisador. Entretanto os resultados se fazem válidos pela própria intenção geral da pesquisa.

Este possível "encontro de subjetividades" deve ser portanto levado em consideração (2).

Observamos que seis dos entrevistados, de imediato, associaram o tema à homossexualidade e referiram que a primeira idéia que lhes ocorria referia-se à contaminação dos homossexuais.

Na análise de cada informação, alguns aspectos devem ser ressaltados. A idéia da AIDS remetia de imediato à homossexualidade e, quase simultaneamente, à idéia de estigma e morte. Esta associação não apresentou diferenças marcantes entre os sexos dos informantes.

"AIDS me faz lembrar homossexualidade, penso logo em estigma ligado aos homossexuais. Querendo ou não, não vem outra idéia na cabeça". (sexo masculino, 20 anos).

Este mesmo informante diz perceber que homossexualidade é condição de estigma "brutal". Ressalta que nos programas humorísticos da TV o personagem, em geral, mais caricato é a "bicha". Lembra que frequentes brincadeiras entre colegas de faculdade incluem trejeitos homossexuais e que algumas xingações, mesmo jocosas, dizem respeito à homossexualidade, referenciando relações anais ou orais entre homens. Vai adiante dizendo que

considera nossa sociedade "machista e coronelista" e relaciona espontaneamente o estigma frente à homossexualidade e à idéia da AIDS, afirmando que percebe em alguns colegas "um verdadeiro medo de homossexuais". Arrisca uma explicação psicologizante dizendo: "o medo dos homossexuais até parece formação reativa. Agora há também o medo da doença ligada a eles". Afirma ainda que em sua opinião a doença facilitou a estigmatização em relação à homossexualidade.

A relação entre a doença e a homossexualidade prossegue num tom semelhante. Dois destes informantes ressaltam que não veem possibilidade de não se fazer tal associação por terem conhecimento do maior índice da doença entre homossexuais.

Dentro do grupo de informantes que associou a idéia da AIDS à homossexualidade, um deles ressaltou que lhe ocorria também de imediato pessoas promíscuas, frisando ter conhecimento de que os homossexuais são "em geral muito promíscuos", "trocam demais de parceiros". Este mesmo informante lembra também de prostitutas numa relação imediata e fala dos drogados, ressaltando que não tem conhecimento no Brasil do uso disseminado de drogas injetáveis "tipo heroína, como nos Estados Unidos e Europa".

A referência à promiscuidade, relacionada com a presença da AIDS, sobretudo entre homossexuais e prostitutas, é mencionada sem grande ênfase por dois outros informantes do sexo masculino.

Como havíamos citado na discussão do material coletado, três informantes do sexo masculino admitiam práticas homossexuais, ressaltando que um deles se coloca na posição de exclusivamente homossexual e dois outros com experiências homossexuais e heterossexuais. Um deles diz preferir relações com homens, apesar de ter namorada com quem mantém vida sexual. Outro refere preferência por sexo com as mulheres, entretanto, tendo algumas experiências masturbatórias com rapazes.

O primeiro deles, diante do tema geral da AIDS, lembrou de imediato do que chamou de "religiosidade da questão", dizendo que isto lhe remetia a "preconceitos diante dos desvios sexuais". Seu discurso, assumindo um tom solene e intelectual, se reportava sempre a uma terceira pessoa:

"escutei falar muito sobre castigo de Deus e sempre a doença ligada à homossexualidade; é isto que chamo de religiosidade, a coisa de chamarem de câncer gay".

Neste momento da entrevista demonstrava sempre uma certa tentativa de se reportar ao que escutara ou lera sobre a AIDS. Pouco falava sobre o que sentia a respeito do assunto. Detalhando a descrição por nossa solicitação, pôde esclarecer que, no fundo, ele próprio "às vezes" pensava em castigo divino frente à AIDS, afirmando:

"penso nisto e tenho duas idéias que correspondem a dúvidas sobre a existência de Deus ... minha fé é variável, dependendo da circunstância, me flagro

questionando ou não a existência de Deus; questiono quando penso em miséria e doenças como a AIDS".

O segundo informante deste grupo referiu que AIDS lembra sempre uma grande ameaça, mencionando a morte e ressaltando que este sentimento foi muito aumentado quando tomou conhecimento de algumas pessoas conhecidas que morreram da doença. Disse também estar sensibilizado, no momento, pelo fato de conhecer alguém com soropositividade. Em tom reflexivo, disse ter-se impressionado com o discurso daquela pessoa sobre o "tempo que poderia ter perdido" e acha que a AIDS o levou a ter um sentimento de "desejar valorizar mais a vida". Explica:

"veja, a vida é efêmera, mas não sabemos o tempo de sua finitude. A partir do momento que alguém sabe que está contaminado é como se o fim estivesse marcado ... os sonhos só podem ser imediatos..."

Este relato inicial transmitia certa tensão. Mesmo se reportando à realidade de uma terceira pessoa, se dizia tomado do sentimento de ameaça, apesar de afirmar não ter o sentimento de que seria contaminado:

"tenho 50% de chances de me contaminar, fico com os outros 50%; quero me cuidar, mas, não quero que a AIDS impeça que viva minha vida".

O seguimento da entrevista apontava para preocupações sobre sua vida sexual, a respeito do que nos deteremos adiante.

O terceiro informante mostrou-se pensativo, dizendo que lhe ocorria as informações primeiras que obteve sobre a doença. Relatou ter escutado e lido sobre um certo "câncer gay" e que de início não lhe parecia algo próximo de si. Relacionava também ao sentimento de perplexidade frente a uma "doença tão fatal e sem cura", lembrando que sofreu grande impacto com as notícias da doença de Rock Hudson. Frisou que se deu conta de que a AIDS expunha muito a vida privada das pessoas, ressaltando:

"no início não me toquei com o assunto. O primeiro impacto foi a morte de Rock Hudson - ele era símbolo sexual de virilidade; fiquei tão chocado quando soube da doença dele, quanto ficaria se me dissessem que Maguila é bicha".

As informantes do sexo feminino forneceram respostas que também podem ser agrupadas com as demais já descritas. Relacionaram com a gravidade oferecida pela doença, estabeleceram paralelos com grupos que consideram de "maior risco" e falaram em preocupações preventivas. Apenas uma delas, de forma breve, refletiu sobre a possibilidade da doença para si própria, tendo a outra demonstrado certo pânico, mesmo que não relacione objetivamente com a vida sexual.

Esta última, 19 anos, diz que diante da idéia da AIDS, lhe ocorre certa perplexidade. Fala ainda que se perguntou várias vezes "como uma coisa destas pode acontecer repentinamente". Seu discurso inicial aborda preocupações preventivas "com o povo". Pergunta se as informações veiculadas "são esclarecedoras o

suficiente para o povo". É possível que este nível de preocupação deva-se à sua formação profissional, é aluna do Centro de Ciências da Saúde - entretanto, a tentativa de colocar o tema sob a marca da intelectualidade, afastando-o de si própria, era clara. Refere que várias vezes conversou com amigos sobre a doença, sobretudo diante de notícias da morte de personalidades conhecidas.

Sua preocupação com esclarecimentos à população, "doença atingindo o povo" e perplexidade diante do fato podem refletir também sua angústia pessoal deslocada. Neste momento estabelece relação com a idéia de morte, colocando-se mais frontalmente face ao problema.

"nunca pensei que eu pudesse ficar doente de AIDS. Conversando com algumas pessoas, escutei delas que se matariam se estivessem contaminadas. Algumas até diziam que no desespero contaminariam outras pessoas ... Acho que eu não me mataria ou contaminaria, mas com certeza me perguntaria: por que eu?"

A relação estabelecida com a morte levou a considerações também sobre Deus.

"penso que todas as coisas são como uma espécie de destino, mas quando penso em AIDS, não culpo Deus, acho até que se adoecesse me revoltaria contra o que acredito de Deus".

O estabelecimento da relação entre a doença e a punição divina se faz presente, o que reforça a idéia da doença proveniente de algo fora de si próprio.

A segunda informante, 21 anos, pensa em AIDS e na mudança de comportamento das pessoas. Diz que a AIDS não a leva a se imaginar como possível portadora - "sabe como é, a idéia da AIDS para mim está sempre ligada aos grupos de risco" e explica: "grupo de risco são homossexuais, prostitutas e drogados".

Chamou atenção, na sua fala, a negação da doença como possibilidade para si própria, através da sexualidade. Entretanto, em determinado momento, nos disse da sua preocupação com contaminação em sua atividade de trabalho. Cumpre esclarecer que ela é também aluna do Centro de Ciências da Saúde, especificamente do curso de medicina. Enquanto falava de sua formação profissional, nos contou trabalhar em um serviço de urgências em Recife, dizendo que atualmente tem o cuidado de não fazer qualquer curativo sem luvas, explicando:

" mesmo nos pequenos acidentes, se há algum sangue, uso luva até para pequenos curativos: hoje não tiro nem esparadrapo sem luva com medo do contágio através das feridas ... como trabalho com curativos hoje em dia, não faço mais as unhas tirando a cutícula para evitar algum ferimento".

A descrição citada acima, diz respeito ao temor da contaminação com características quase fóbicas. "Não tirar a cutícula na manicure" foi explicado não apenas por temer pequenos

ferimentos com o instrumental da profissional, mas mesmo com seu próprio material tenta evitar "portas de entrada" * para contaminação em sua atividade de trabalho.

Mesmo repetindo não temer a doença por considerá-la fechada ao que denominou grupos de risco, o medo desta informante, em alguns momentos, demonstrava certos elementos de pavor, revelando ainda o deslocamento do sexual para a atividade profissional. Tal fato coloca o sexual no lugar do excluído e silenciado.

Este lugar de exclusão a que nos referimos diz respeito à eliminação do tema das fronteiras da própria vida do sujeito. As referências eram feitas à doença no sentido de ser espectador do drama. A excessão se fez, como demonstramos, no discurso dos informantes que se identificaram como homossexuais.

As idéias despertadas diziam respeito fundamentalmente à homossexualidade. Logo, a doença se relacionava à conduta considerada desviante - à conduta estigmatizada. Mesmo apoiados em dados de pesquisa aos quais tinham acesso - dados estes que também falam da escala crescente da doença entre os heterossexuais, - não houve, espontaneamente, qualquer comentário inicial que colocasse a doença na ordem da prática heterossexual, senão, como no discurso das mulheres, para reforçar a negação da doença entre todos.

* a expressão "porta de entrada" neste contexto é comumente utilizada entre profissionais de saúde para denominar pontos de fragilidade à infecção ou soluções de continuidade na pele que oferecem risco infeccioso.

A referência à doença e sua relação com o desvio se confirmava, além da homossexualidade, como mostramos, com a promiscuidade, prostituição e dependência a drogas. A concepção da doença girou em torno sempre das condutas consideradas marginais e, num sentido metafórico, pouco higiênicas. Mesmo que tais dados pudessem se apoiar em elementos epidemiológicos concretos, estas observações iniciais abririam caminho para a engrenagem que se delineava sobre a concepção da sexualidade, sua relação com o adoecer e as atitudes objetivas e subjetivas frente às condutas ditas desviantes.

Este aspecto se relaciona com a noção abordada com clareza, por um dos entrevistados, e que diz respeito à religiosidade, referindo elementos que apontavam para o castigo divino. Ao longo da fala dos informantes, esta noção se colocava como presente em suas referências pessoais, como questionamentos da existência de Deus. Isto nos colocava de frente, mesmo ainda de forma mais velada, com a noção de pecado e, conseqüentemente, culpabilização.

Estas observações abriam espaço para perceber o que era imaginado acerca da AIDS, o que tentamos obter com a pergunta: De onde vem a AIDS ?

Alguns informantes solicitavam explicações sobre nossa pergunta. Explicávamos sempre que procurassem se por à vontade para falar do que imaginavam ser a origem da doença, mesmo que tais explicações pudessem parecer, em alguns momentos, pouco condizentes com os conhecimentos teóricos obtidos.

Os achados não apresentavam diferenças mais marcantes no que diz respeito ao sexo do informante, sua formação profissional ou seu hábito sexual.

As respostas fornecidas baseavam-se em boatos escutados, quando tiveram conhecimento da patologia há alguns anos. Partindo destas informações ou comentários, pudemos perceber alguns pontos comuns entre os entrevistados. Três deles (dois do sexo masculino e um do sexo feminino), referiam que por vezes imaginavam que a AIDS seria fruto do desenvolvimento do vírus em laboratórios americanos. Mesmo ressaltando que consideram absurda tal hipótese, referiam que por vezes se flagravam crendo nessa possibilidade. Estes informantes, que consideram esta hipótese um pouco irreal, entretanto acreditam nela e fazem o relato entre risos. Um deles referia como possibilidade uma "espécie de guerra bacteriológica". Outro falou em erro de laboratórios de experimentação biológica nos EUA, acabando por se desenvolver um vírus altamente resistente e sem perspectiva de controle. Refere ainda que se este vírus tivesse sido fruto de um erro ou deliberadamente "fabricado" seria facilmente utilizado para "moralização dos costumes", citando o caráter conservador da "era Reagan". O informante do sexo feminino que se colocou neste grupo, fala também em "guerra bacteriológica". Afirma ter cogitado ser o vírus uma "produção laboratorial dos EUA" - entretanto, faz outras considerações:

"às vezes penso que a AIDS é fruto da excessiva promiscuidade que aumenta cada vez mais no mundo".

Nesta altura do relato, volta a falar de homossexuais, colocando-os como os indivíduos com conduta mais promíscua e isto poderia ter originado a doença AIDS. Refere-se aqui a práticas heterossexuais, dizendo que com a legalização do aborto nos EUA houve uma grande facilitação para a conduta promíscua, sobretudo "nos grandes centros". Ressalta que tudo talvez pudesse ter sido evitado "se as pessoas não tivessem uma vida tão louca".

As considerações feitas, aparentemente em torno de especulações fantasiosas, dão conta do sentimento de medo frente à doença, como algo sofisticado e desenvolvido em uma super potência, mas também a coloca num universo mais distante do nosso cotidiano. Neste grupo, o informante do sexo feminino associou, mais uma vez, à promiscuidade, voltando conseqüentemente à associação imediata com a homossexualidade e colocando novamente a ordem da doença ligada à noção de desvio e pouca higiene. Este aspecto também permite a relação disto com a punição para certas formas de vida e de exercício da sexualidade.

A relação da doença com a conduta desviante ou "pouco natural" foi referida também por 05 outros informantes. Os demais referiam não crer em nenhuma hipótese e não cogitar qualquer tipo de explicação. Este grupo foi composto por quatro homens, dois deles com práticas homossexuais, e uma mulher heterossexual.

Ilustramos inicialmente com a resposta de um informante masculino, 19 anos, heterossexual. Relata que pensa bastante sobre possibilidade da AIDS ser uma espécie de resposta às atitudes "pouco naturais" ou "agressivas à natureza":

"sou naturista, acho que existe uma ordem natural nas coisas. Imagino que a AIDS pode ser uma resposta da natureza a alguma coisa que a desafiou, uma relação antinatural, como a relação homossexual. ... Aquela idéia de que a AIDS se originou de uma mulher que transou com um macaco na África, às vezes parece possível porque isto seria também uma relação antinatural".

Um dos informantes do sexo masculino, 21 anos, bissexual, também faz referência à prática sexual com animais, dando como resultado o desenvolvimento do vírus da AIDS. Fala de ter escutado a idéia de que um homem ou mulher teria tido relações com um "macaco verde africano" e que isto teria possibilitado a mutação de um vírus animal pré-existente. Estas considerações são acompanhadas de risos e afirmativas da absurdidade da hipótese. Revela ainda crer realmente que, o vírus da AIDS provavelmente sempre teria existido e que, com as mudanças de comportamento sexual, no sentido de maior liberdade e dos deslocamentos geográficos de grande número de pessoas, o agente etiológico teria sido "desregionalizado" e modificado.

A relação do surgimento da doença com práticas com animais nos coloca diante também da relação persistente entre a doença e a conduta desviante. Atribui seu surgimento a um universo longe de si. Reforça, no imaginário, a idéia de que a prática sexual, digamos menos convencional, seria catastrófica. Isto se aplica à noção de falta e quebra de leis naturais nas

relações homossexuais, revelado pelo conteúdo das entrevistas. Esta noção se reforça em outros depoimentos.

Outro dos informantes explica o surgimento da doença pela "degeneração da condição humana, a miséria, a falta de saúde e higiene". Oferece como exemplos de "degeneração" os chamados "movimentos underground", citando os punks, apesar de reconhecer que movimentos desta natureza podem representar muito dentro da cultura dos povos. As colocações referentes a "nossa fraqueza e degeneração", como acabamos de referir, fazem-se também dentro de uma concepção religiosa.

Uma das informantes não se define como católica "às vezes vou à igreja por que gosto muito do padre". Entretanto, esclarece que a religião de seus pais é espírita e que ela própria tem profundo respeito pelas teorias espiritualistas, apesar de não se considerar integrada totalmente na religião espírita. Ao falar da concepção e origem da AIDS, busca no espiritismo uma explicação, dizendo:

"acho que a AIDS existe há muito mais tempo do que imaginamos. Penso na doença como na teoria espírita. Fatos desta natureza são um aviso para a necessidade de se mudar a forma de vida das pessoas..."

Explica que este "aviso" sobre as modificações na vida são para toda a humanidade. Diz não imaginar que seja voltada exclusivamente para a comunidade homossexual - "isto seria um aviso para todos nós, para vivermos de maneira diferente; há muita miséria, desigualdade".

O tema remetido à perspectiva religiosa se refere à noção da doença na ótica da punição. A condição degenerada da humanidade levaria a avisos e epidemias. Esta perspectiva punitiva nos remete a toda a contextualização teórica por nós abordada, no sentido de compreensão da doença individual e da coletividade - no caso, as grandes epidemias. Este referencial diz respeito à doença relacionada com a falta individual. Esta, por sua vez, na ordem da sexualidade e sua história, fala da noção de desvio e do sexo voltado exclusivamente para o prazer - como o caso explícito da homossexualidade. As referências feitas à homossexualidade, bem como a alusão à miséria humana, ao "aviso divino", corroboram a idéia da punição divina diante da "falta" coletivizada, sobretudo através de práticas sexuais.

Tais idéias se reforçam pela tentativa de exclusão, por parte do sujeito, do fenômeno da doença em sua vida cotidiana, ao menos como possibilidade em si próprio ou indivíduos próximos de si. A noção de falta e desvio, (3) como já afirmamos, se atualiza também no imaginário, em relação à origem da doença - sexo com macacos, promiscuidade, afronta às leis da natureza.

Estas considerações abrem espaço para análise dos temas que constituíram o restante do material coletado com cada informante.

Um dos temas centrais desenvolvidos disse respeito à homossexualidade masculina, não sendo referida por nenhum informante a prática homossexual feminina, salvo em um dos

casos - a título de exemplificação sobre o carácter erótico dos filmes pornográficos que conhecia.

Foram feitos comentários sobre a prostituição feminina e masculina, esta última citada por um informante. Falou-se também da promiscuidade na vida sexual, além dos aspectos ligados ao uso de preservativos.

O desenvolvimento da história e da prática sexual de cada informante foi relatada em diferentes níveis de profundidade, sendo em diversos momentos referido o impacto da AIDS sobre o desenvolvimento da sua sexualidade.

Estes relatos naturalmente levavam em conta as histórias de vida de cada informante. Eram também referidas a formação religiosa e as características da constelação familiar, sobretudo os pais (na ótica e vivência do informante).

Nas considerações sobre a sexualidade, alguns temas foram repetidos em grande parte das entrevistas, como a questão da virgindade da mulher e sua relação com o casamento, bem como algumas associações entre virgindade e AIDS, apontada por alguns. Este tema levou a considerações sobre a fidelidade, ou este último assunto surgiu sem ser acompanhado do assunto citado anteriormente.

Alguns outros elementos foram referidos dentro dos grandes temas desenvolvidos, como as relações sexuais vinculadas ou não a um relacionamento amoroso mais estável, expectativas em relação ao casamento, vida sexual entre pessoas do mesmo círculo

de amigos, ou colegas da Universidade. Em alguns momentos estes assuntos foram relacionados com o tema central da AIDS.

As referências à homossexualidade foram feitas dentro de certo padrão quase uniforme de concepção. Além da associação imediata com a patologia da AIDS, como demonstramos, o tema da homossexualidade masculina era referido na perspectiva quase sempre da condenação velada ou explícita, com referências a sentimentos até de asco por parte dos homens heterossexuais e das mulheres. Dois dos homossexuais seguiram este padrão de forma menos explícita.

A compreensão da homossexualidade como padrão "anormal" de comportamento, bem como algo que desperta estranheza e "nojo", foi observada em sete informantes.

"não concordo com a homossexualidade; não acho uma coisa normal e não compreendo como um cara pode gostar de outro homem; não imagino um cara poder achar bom trepar com outro homem ..." (19 anos, sexo masculino, heterossexual).

Este relato, que revela estranheza pela atração sexual entre os homens, segue o padrão de concepção face à homossexualidade como conduta desviante associada à idéia de sujeira.

"não convivo com homossexuais, mas uma vez vi dois caras se beijando num filme erótico, senti nojo; acho que me afastaria se visse de verdade ... boca de homem

com boca de homem...!" (19, anos, sexo masculino heterossexual).

Este informante segue explicando que, talvez, fruto de sua educação, considerada por ele "conservadora e machista", desenvolveu um forte sentimento negativo em relação aos homossexuais. Diz que isto é compartilhado por todos de sua família e pelos amigos que o cercam; detalhando que isto não corresponde à indiferença: "muita gente diz que é indiferente em relação a homossexuais, eu não sou. Sou contra, mesmo!".

Apesar desta referência à homossexualidade masculina na perspectiva do caráter asqueroso, o informante espontaneamente referiu sentir-se muito excitado sexualmente diante de cenas eróticas que mostram relações sexuais entre mulheres.

A colocação da questão da homossexualidade na posição de algo inaceitável seguiu em todo este grupo de entrevistados. O maior número relacionava este sentimento a um padrão de conduta de todo o grupo familiar e social ao qual pertence. Um deles utilizou como ilustração deste fato a presença de um jardineiro em sua casa, assumidamente homossexual, e sua lembrança de referências jocosas e preconceituosas, bem como a alusão a esta pessoa como "defeituosa e doente". A mesma experiência foi relatada por outro informante em relação ao zelador do prédio. Lembrou que seus irmãos lhe chamavam a atenção por ele conversar com este homem, pois "os vizinhos poderiam pensar que ele também seria homossexual".

O horror à cena homossexual masculina foi bastante realçado neste grupo em duas outras entrevistas. Um dos informantes, também com 19 anos, heterossexual, lembrou ter ido a uma determinada boate em Recife com um grupo de colegas e lá presenciou dois homens se beijando. Referiu que seu sentimento foi de "muita perplexidade, ficando chocado com a cena". Afirmou ainda que, neste mesmo local, um de seus amigos foi abordado por um rapaz que o convidou para dançar e todos se sentiram "desconfortáveis" e decidiram não mais voltar àquele local. A mesma experiência foi citada por uma informante, também com 19 anos; referiu que numa boate (a mesma citada anteriormente) teria visto alguns homens dançando e se acariciando e isto lhe despertou o sentimento de "nojo":

"sempre que penso em homossexuais, penso em promiscuidade e tenho uma certa repugnância, mas, mesmo que eu saiba que o cara só tem um parceiro, mesmo assim, tenho um pouco de nojo, acho horrível a idéia de dois barbudos se beijando".

Dois informantes, ambos heterossexuais, referiam um certo sentimento de "divisão", explicando que tentam se colocar numa posição de respeito pela vida sexual das pessoas, mas não conseguem deixar de perceber em si próprios elementos de dificuldade na convivência com homossexuais.

O discurso sobre a homossexualidade entre os informantes que admitiam práticas homossexuais confundia-se com o próprio relato de suas histórias pessoais.

Um deles, 22 anos, conta que até os 17 anos não se sabia homossexual, entretanto, sempre chamou sua atenção a beleza masculina. Só aos 18 anos se percebeu apaixonado por um rapaz conhecido:

"O mundo desabou sobre mim, senti revolta pela minha formação, me senti um pouco sem referências; fiquei um pouco pirado quando me vi desejando transar com ele e sentindo ciúmes dos contatos dele com outros amigos; nos primeiros momentos achava meio inconcebível não ser heterossexual".

O relato da experiência da vida homossexual deste informante revela angústias. Considera-se, atualmente "tranquilo" com sua sexualidade, mas no início "foi um grande grilo". Explicou que sentia medo de sofrer pressões sociais e familiares, caso descobrissem sua homossexualidade; imaginou que seria desprezado. Reforçou que percebe um forte preconceito contra a homossexualidade em sua família e nos círculos que frequenta.

Este informante, falando da homossexualidade, entra em detalhes sobre alguns relacionamentos afetivos. Espontaneamente afirmou fazer restrição a certas características dos homossexuais:

"Detesto bicha, bicha mesmo! Tenho horror à bicha, detesto essas falsificações baratas da mulher ou de homens (referia-se a lésbicas). As bichas afetadas sempre passam para mim a idéia de dificuldades, como

se a homossexualidade fosse mal resolvida na cabeça deles, trejeitos excessivos, considero um teatro pouco autêntico."

Outro informante, 20 anos, também revelou que teve seu primeiro encontro sexual (homossexual) tardiamente (19 anos). Diz entretanto sempre ter tido consciência de sua preferência, falando que suas fantasias masturbatórias sempre envolveram figuras do seu sexo. Afirmou ter imaginado que a experiência sexual com outro homem despertaria muita angústia. Revelou ter-se sentido surpreso pelo fato de não ter "sofrido quando iniciei a prática homossexual; imaginava que ia ser um grande problema". Explica que lhe ajudou muito o fato de ter tido sua primeira experiência homossexual com um amigo.

"Constitui uma grande amizade, sem sexo; só 6 meses depois tivemos relações sexuais".

Este mesmo entrevistado realça muito sua angústia pelo fato de sentir desejo de ter uma vida a dois mais integrada. Se diz angustiado, pois seu amigo restringe atitudes de ambos, "por medo que descubram que temos um caso".

"Me aborrecem muito os entraves sociais; gostaria de ter um companheiro realmente, uma coisa especial, que esteja comigo todo o tempo, que não houvesse, necessidade de tantos cuidados".

Além do que chamou de "entrave social" - o preconceito que diz perceber em relação à homossexualidade - considera

importante não se sentir "culpado", sobretudo em relação à religião.

"a idéia de ser homossexual me perturbou no início; achava que seria complicado a primeira relação, fiquei surpreso e hoje tenho certeza de que não estou fazendo mal a ninguém, nem a mim mesmo. Sempre fui católico, mas a coisa de condenar a homossexualidade me afastou definitivamente da religião".

O terceiro informante, falando de sua vida sexual, evitou comentários. Afirmou apenas que não se considera homossexual pois "tive apenas alguns contatos com amigos que acabaram em masturbação". Reforça entretanto que não tem contatos frequentes com mulheres e que se sente sempre mais à vontade para conversar com homens.

"acho os homens mais interessantes, prefiro conviver e conversar com homens".

Prosseguindo, acha que a questão sexual em sua vida "é complicada", e se diz pouco voltado para práticas sexuais: "até hoje tive quatro parceiras e dois parceiros, em toda a minha vida".

A abordagem da temática homossexual revelou a forte dificuldade diante do tema, associado com anormalidade, pecado e situação asquerosa. Entre os homossexuais, este fato se faz presente em outro sentido. A angústia com o início da vida homossexual, o temor das pressões sociais, a própria negação do

fato homossexual em sua vida, ao menos como prática que se repetia e o encanto maior com os homens.

Reforçamos a idéia desta relação com os achados já descritos anteriormente, que realçavam a AIDS e sua vinculação com a homossexualidade.

Mesmo entre os informantes com práticas homossexuais, chamava nossa atenção não apenas a angústia face à sua identidade, mas a possibilidade de rechaço da própria imagem. O desprezo pela chamada "bicha", a priori utilizado pejorativamente, designa homossexuais em geral. A permanente ligação da prática sexual a uma relação amorosa estável, numa inferência talvez ousada, pode revelar o desejo de reprodução de modelos heterossexuais ou colocar a sexualidade homo na ordem do padrão e valor da heterossexualidade.

Todos os informantes que se referiam mais amplamente à homossexualidade foram categóricos na afirmativa de que a visão que têm dela não foi formada ou sofreu influência maior com o advento da AIDS. A grande maioria (seis informantes) acha que sempre teve e teria estas concepções descritas em relação à homossexualidade, relacionando com valores estabelecidos desde a infância. Um deles explicou que o assunto tornou-se mais presente com a doença, entretanto, não percebeu modificações na concepção de ver a conduta homossexual.

De forma também indireta e numa tentativa de abrir a reflexão para uma compreensão maior, colocamos a questão da referência à prática sexual mais esporádica. Isto será

aprofundado nas considerações sobre a história sexual dos informantes.

Dentro ainda do discurso da homossexualidade, a questão da promiscuidade foi ressaltada. Este tema relacionou-se não apenas com as observações sobre a vida homossexual mas, também, na referência a prostitutas. Como dissemos, estes eram identificados como elementos mais facilmente relacionados com a AIDS.

A fala sobre a prostituição seguiu o caminho das colocações estabelecidas acerca da conduta homossexual, porém com menor ênfase no caráter crítico.

As opiniões sobre a prostituição feminina, por parte das mulheres, tinha a tonalidade de crítica associada a alguma conotação de compaixão, referindo "sentimento de pena" pela "necessidade de assumir este trabalho". Uma delas disse não compreender a motivação que uma mulher pode ter para esta profissão, explica falando das necessidades de sobrevivência. Considera uma vida "caótica", "perigosa" e associa a noção de perigo frente à da AIDS no mundo. Entretanto, faz uma ressalva - "prostituta fina e rica, estas eu odeio e não tenho pena alguma; certamente poderia viver de outro modo".

Os informantes do sexo masculino falam de prostitutas no contexto do próprio desenvolvimento de suas vidas sexuais. Apenas um não fez referência a ter sido "cobrado" ou "sugerido" por colegas, irmão mais velho ou mesmo o pai, que tivesse a primeira relação sexual com prostitutas. Não havia um juízo

rigoroso em relação à profissão. O relato tinha o tom de certa indiferença, entretanto, nenhum assumiu que tem vida sexual regular com prostitutas, à exceção de dois deles que referiram "esporádicas" visitas a "casas de massagens" com um grupo de amigos. Apesar da aparente indiferença, alguns elementos eram ressaltados. Quatro informantes afirmaram que certamente o prazer é menor numa relação sexual que denominaram anônima ou "com uma pessoa completamente estranha em todos os sentidos". Falaram do risco do contato com estas mulheres, risco do contágio da AIDS e outras doenças. As prostitutas foram as iniciadoras sexuais de cinco informantes do sexo masculino, excessões feitas aos que referem relações homossexuais. Dois descreveram este contato como cercado de ansiedade pela experiência nova e medo de "falhar" durante o ato sexual. Um deles referiu não procurar prostitutas "espontaneamente".

"Não procuro casa de massagens. Quando os amigos me chamam, eu sinto vontade e vou, não tomo a iniciativa - acho que é para fugir da culpa; me sinto meio mal depois que tenho um contato com prostitutas...", (20 anos).

Outro fez ampla referência à sua iniciação sexual com uma prostituta. Relatou que seus amigos procuraram casas de prostituição na faixa etária de 12 a 13 anos, dizendo ser comum este fato em sua cidade natal.

Entretanto, mesmo "sofrendo pressões" evitou ir a esses lugares até os 15 anos. Relatou que sentia desejo, mas

considerava um "pecado grave", relacionando esta noção à educação religiosa rígida que recebeu. Referiu que, por muito tempo, acreditou que seria "imperdoável ter relações sexuais antes do casamento". Contando sua primeira experiência, faz um relato detalhado:

"até hoje me choca a lembrança da primeira relação sexual pelo fato de ter sido com uma prostituta. Isto me perturbou ... no dia seguinte senti nojo, tive um sentimento de viúva negra * - explicou - tive raiva da mulher, como se ela tivesse me levado a agir só por instinto, fiquei desapontado comigo e com raiva dela, como se quizesse até matá-la... sei que é absurdo, mas, passou por minha cabeça." (20 anos).

Os informantes com práticas homossexuais fizeram também referência a prostitutas. Um deles, mesmo se reportando ao fato de que em sua adolescência, era comum a procura a locais de prostituição para a primeira relação sexual, afirmou jamais ter tido relações sexuais com elas. Considera a prostituição consequência de graves dificuldades financeiras ou afetivas, sendo categórico ao dizer que não admite dinheiro nas relações sexuais e repetindo que não pagaria para obter prazer sexual. Relaciona a prostituição à AIDS e diz que no momento atual trata-se de "um grande risco pelo número de parceiros que têm".

* N.A. - Referia-se à aranha que mata o parceiro após a relação sexual .

Outro afirmou não ter opinião formada, dizendo nunca ter tido qualquer tipo de contato com prostitutas, posto que sua vida sexual ativa restringe-se à homossexualidade. Não falou de prostituição masculina.

O terceiro informante referiu-se à prostituição, dizendo não ter experiências sexuais com estas profissionais. Diz que não teria relações com elas, mas que nutre grande simpatia por estas pessoas, remetendo-as a algo pitoresco. Relacionou lugares de prostituição a bares "gay", onde há "strip-tease" masculino, locais também de encontro de "michês" - prostitutas do sexo masculino:

"vou a lugares gay pelo pitoresco que representam. Ir a um bar de strip-tease masculino é semelhante a ir a um puteiro da Avenida Rio Branco, é engraçado, realmente pitoresco" ...

A referência à prostituição seguia o caminho da crítica, da associação à doença, do caráter "perigoso" do contato com estas pessoas, com base nos dados objetivos do número de parceiros que estas profissionais têm. Fica ressaltado também o sentimento de pena, sobretudo das mulheres. Mesmo que relacionando com a AIDS e negando o contato maior com a prostituição feminina, os informantes do sexo masculino não enfatizaram o sentimento de "asco" e "nojo" descrito em relação à homossexualidade masculina - excessão feita a um deles.

Percebemos a exclusão da prostituição no discurso dos informantes, como prática sexual possível ou procurada. A citação a isto foi acompanhada de referência culposa.

Apontamos também a relação estabelecida entre a prostituição e a concepção de seres com dificuldades especiais. Falava-se em pessoas com graves dificuldades financeiras e afetivas, como citado por três informantes.

As mulheres se colocaram na posição de se sentirem sensibilizadas pela forma de vida das prostitutas, exceção feita àquela que considerou a "prostituta fina" como indigna deste sentimento.

A ordem do desvio na relação entre homossexualidade, prostituição e promiscuidade relacionado com a AIDS se confirma. A maior ênfase fica no sentimento negativo voltado para a homossexualidade, como assinalamos, reforçando também a noção do desvio fora da ordem do cotidiano. A negação do contato com prostitutas aponta para certa linearidade do discurso, que nos parece merecer atenção. A fala que se mostra excludente da sexualidade desviante, por considerá-la suja, arriscada ou digna apenas do olhar com vistas ao "pitoresco", aponta para uma análise da história que foi contada sobre a sexualidade dos próprios informantes. Esta história como sendo a história relatada ao pesquisador.

Nos deteremos então nas considerações sobre o escutado a respeito do desenvolvimento da sexualidade daqueles que foram entrevistados. Alguns temas destacaram-se como presentes na

maioria das entrevistas. Além do próprio conteúdo da história pessoal da sexualidade, aliada a outros dados do próprio desenvolvimento do sujeito e sua relação com a instituição familiar, a escola (referida por alguns) e a religião (falada por outros), surgiram temas referentes a valores ligados à virgindade, ao casamento e fidelidade, às expectativas em relação à vida sexual, associados estes fatos, em certos momentos, com a presença da AIDS. Em algumas entrevistas foi citado o uso de preservativos, o que também abordaremos. Diante da repetição de alguns temas, tomamos o caminho de analisá-los agrupando-os a partir das histórias contadas.

Como já referimos, a iniciação sexual dos informantes heterossexuais passou em grande escala pelo contato com a prostituição feminina, esta, no entanto, excluída amplamente do discurso do desejo no cotidiano.

Quatro dos informantes do sexo masculino, com vida heterossexual, referiram que têm como projeto de vida afetiva o casamento. Para estes, a importância da fidelidade dentro do casamento é vista como algo fundamental para ambos os cônjuges. Disseram não aceitar as relações fora do casamento em qualquer circunstância. Ilustrativamente um deles afirmou que se "um homem precisa ter relações fora do casamento, é melhor não casar".

Estes informantes referiam a fidelidade como também necessária na relação de namoro, colocando isto na perspectiva de tecer considerações sobre sua própria conduta no momento, posto não serem casados. Outro referiu que não aceita a infidelidade no

casamento por ser "profundamente traumática para os filhos, caso venham a saber", reforçando ainda não se sentir à vontade para relações com outras mulheres quando está namorando com alguém. Explica que "tem prazer" com a própria namorada, o que exclui a necessidade de outras mulheres. Este informante, com 20 anos, conta que sua vida sexual com a namorada é intensa, explicando entretanto:

"ela é virgem, fazemos de tudo, tudo mesmo, só não há penetração na vagina. Acho que o namoro ainda não está totalmente definido. Não tenho certeza se amo realmente esta menina, mas, nós dois temos muito prazer".

Este informante explica esta disciplina sexual em seu relacionamento dizendo que se trata de uma atitude constante com todas as suas namoradas. Ressaltava aí o valor da virgindade, sobre o que voltaremos a falar.

Contrastando com esta informação, um outro com as mesmas características do anterior, isto é, 20 anos e heterossexual, diz restringir sua vida sexual às namoradas. Afirma ter uma há alguns meses, com vida sexual "completa". Entretanto, reconhece que esta não é a prática mais habitual.

"Sinto que é difícil transar aqui, sobretudo no início dos namoros. As meninas se trancam, são meio caretas".

Ainda sobre a fidelidade, um outro realçou a ameaça que seria para si ser traído. Explicou que não trairia, sobretudo após

o casamento, por desejar condições iguais com a esposa e não suportar que esta tivesse relações com outras pessoas:

"ser traído é uma ameaça forte demais para mim, acho que seria um grande golpe, ficaria péssimo, me sentiria rejeitado ... não trairia, pois não admito ser traído".

As informantes do sexo feminino também reforçaram bastante o valor da fidelidade em suas relações afetivas. Uma delas esclarece que sofreria se fosse traída, entretanto, poderia compreender o fato apenas no contexto de surgimento de uma nova relação amorosa:

"jamais admitiria relações sexuais com outra pessoa só por atração física - fidelidade é fundamental; se surgir outra relação, deve ser amorosa e aí teria que repensar tudo ..."

Sentimento semelhante foi descrito pela outra informante. Esta, entretanto, se diz confusa:

"acho fidelidade fundamental, mas não afasto a possibilidade; penso que é só discurso liberal ... tive um namorado de quem gostei muito e durante uma viagem arranjei outro; a culpa foi muito grande, me senti muito mal ... "

A questão da fidelidade, quando abordada por pessoas com práticas homossexuais, não tomou rumos tão distintos. Um deles referiu a importância desta em sua relação afetiva atual,

colocando a questão da fidelidade no registro do relacionamento estável que almeja para si. A aspiração quanto à vida afetiva dizia respeito a expectativas de uma "amizade especial", "presença constante", "fidelidade mútua". Outro destes informantes considera a fidelidade importante numa perspectiva mais original. Diz que sempre desejará ter em sua vida um homem e uma mulher e que esta aspiração corresponde à fidelidade "a cada um". O terceiro se diz monogâmico, afirmando não suportar a idéia de ser traído e dizendo ser "mais fácil trair que suportar ser traído". Explica que as relações homossexuais que estabeleceu não foram desenvolvidas dentro de um relacionamento estável e não pode se perceber no contexto da ameaça de ser traído. Contudo, chamava sua atenção o sentimento de "posse e ciúme" que teve quando desenvolveu um namoro heterossexual mais duradouro.

Ficava ressaltado o valor da fidelidade em todo o grupo de informantes. Aqueles que têm comportamento heterossexual (homens e mulheres) não atribuíram à AIDS o valor que dão a esta questão. Consideram-na fundamental, independentemente dos riscos de contaminação e falam da importância do respeito mútuo, do medo de também serem traídos - sobretudo aqueles do sexo masculino e heterossexuais. Apenas um homem, homossexual, fez referência à fidelidade associada à presença da AIDS, afirmando que se um dos parceiros não for fiel "deve invariavelmente usar camisinha nas relações sexuais".

O relato das histórias pessoais também privilegiou outro elemento, ressaltado sobretudo entre os heterossexuais do sexo masculino e as mulheres. Estava evidente no relato o valor

atribuído à virgindade da mulher. Na expectativa em relação à vida afetiva e sexual, os informantes falavam do casamento, referindo a importância da monogamia e da virgindade da mulher que seria tomada como esposa. Regra geral, foi afirmado que preferiam casar com uma mulher virgem ou ser o primeiro a ter relações com a mulher, mesmo antes do casamento. A ênfase não se dava no fato de ter a primeira relação após a cerimônia de casamento, mas preferencialmente ser o primeiro parceiro sexual — isto compreendendo a relação sexual completa, com penetração vaginal:

"casaria com uma mulher que não fosse virgem, mas certamente prefiro que minha namorada seja virgem ... queria ter o poder de me manter na memória dela como sendo o primeiro"... (21 anos).

A relação da virgindade com a fidelidade também surgiu como referência por parte de dois informantes. Afirmando que a mulher só deveria ter relações sexuais dentro de um contexto afetivo "forte", ou "um namoro prolongado". Neste sentido, aquela que não é virgem já teria tido algum relacionamento muito significativo, o que equivale a dizer que este parceiro primeiro teria grande importância. Um deles ressaltou que, mesmo que pareça exagero, "imagino que ela possa desejar estar com este cara outra vez; se ela é séria, transou por que estava apaixonada ... mulher de cabeça vazia é que transa por transar, não se valoriza". Discurso semelhante foi feito pelo outro informante. Aqui aparecia a questão da virgindade como ponto de valorização, bem como a noção de "propriedade" da mulher.

Dois outros entrevistados referiam que intelectualmente não atribuem valor maior à virgindade. Entretanto, sentem ciúmes de namorados antigos de suas namoradas, mesmo que estas sejam virgens, o que os faz desconfiar de ser esta "abertura e aceitação de caráter mais intelectual". Um destes contou que uma namorada mais antiga, com quem teve uma relação prolongada e vida sexual completa e regular, ilustra um pouco sua crença de "certa dificuldade de aceitar a não virgindade da mulher":

"Com as primeiras namoradas que tive, restringíamos até os sarros; os peitos e a xoxota eram áreas meio proibidas. Temia acabar numa relação sexual. Depois, naturalmente, fui mudando ... A primeira namorada com quem tive relações era virgem - eu fui o primeiro. Alguns meses depois, deixei de gostar dela e não consegui acabar o namoro. Demorei muito a decidir, sofri, me sentia responsável por ela ... me angustiou também saber que a partir dali ela teria relações com outros - cheguei a sonhar com isto, era um sentimento confuso, parecia posse ...".

Apenas um informante neste grupo relacionou a virgindade à AIDS. Dizendo valorizar a virgindade para sua esposa, acrescentou espontaneamente:

"a virgindade tem importância para mim, além do mais, virgindade hoje é um teste negativo ambulante de AIDS".

As mulheres falaram deste tema aparentemente em outra perspectiva. Uma delas esboçou compreender a necessidade dos homens terem relações sexuais cedo em suas vidas.

"os rapazes que são virgens são discriminados entre os amigos, é angustiante para eles. Quanto à mulher, acho que os homens valorizam mais as que se mantêm virgens ... Não partilho desta opinião. A vida sexual antes do casamento é fundamental, até para saber se dará certo no futuro. É importante conhecer o companheiro sexualmente, como é importante conhecer seu caráter, honestidade, ideologia, etc... (21 anos).

A outra informante afirma se irritar com discursos "pseudo-liberais" de alguns homens. - no fundo eles preferem as virgens". Ressalta que é virgem, mas que atualmente isto tem outra conotação.

"a virgindade já foi algo muito importante para mim, acho que agora é menos sério ... acho que escutei demais no colégio e de minha mãe que a mulher deve se valorizar e se manter virgem até o casamento ..." (19 anos).

Esta informante mostrou-se irritada referindo que este valor "excessivo" dado à virgindade parece ser "preconceito" dos homens, dizendo sentir que as pessoas e a família esperam que ela esconda seu sentimento:

"se eu expressar meus desejos e tentar satisfazê-los, certamente seria mal vista... não acho justo que a mulher tenha que se reprimir ..."

As informantes não fizeram qualquer relação da virgindade com a presença da AIDS.

Os entrevistados com práticas homossexuais não enfatizaram a questão da virgindade. Um deles disse se sentir indiferente em todos os níveis. Outro referia que a virgindade em sua compreensão "é um grande ôco, acho que as pessoas devem ter prazer sexual, homens e mulheres". O terceiro não referiu qualquer aspecto a respeito da virgindade da mulher. Associando sua vida sexual à AIDS, afirmou ter tido sua primeira experiência sexual com um homem, referindo que a sua virgindade "dava garantias de não haver risco para o outro". Entretanto, ressaltou que não pode deixar de pensar que correu riscos, pois não tem clareza se seu companheiro "se expôs ou não a riscos antes do relacionamento de ambos".

À exceção dos informantes homossexuais, a virgindade foi enfatizada, sobretudo por aqueles do sexo masculino. A exemplo da fidelidade, este valor foi ressaltado. As mulheres se colocaram numa posição mais crítica, entretanto, não havia referência à prática sexual mais livre da parte delas. Estes valores, como referido por alguns também não era condicionado pela AIDS. Foram, sim, reforçados pela presença da doença no mundo. A AIDS entrou com mais força no ordem do discurso dos homossexuais.

Chamam atenção os elementos de censura sempre presentes: a fidelidade é referida como necessária - a ausência dela levando à culpa; a virgindade, como um valor, e a sexualidade da mulher associada necessariamente a uma relação amorosa estável e duradoura.

Os relatos sobre a vida sexual como um todo davam conta também da prática sexual entre amigos ou da procura sexual fora do contexto das relações amorosas estáveis.

Todos os informantes heterossexuais negaram vida sexual fora dos namoros. Só um informante do sexo masculino admitiu práticas sexuais completas com as namoradas. Apenas uma das mulheres admitiu vida sexual com seu namorado, sendo esta sua única experiência sexual "propriamente dita até o momento".

A ordem da prática sexual se colocava no lugar dos elementos tradicionais da família e de certo caráter religioso. A ênfase na monogamia, o valor da virgindade e a exclusão da sexualidade nas relações interpessoais foi um fato, não havendo sequer referência espontânea ao desejo de uma vida sexual mais livre.

Esta moral nos parece condizente com os elementos apresentados no que dizia respeito à homossexualidade e às prostitutas, um reforço ao discurso, digamos, ascético em relação ao sexual.

A alusão à AIDS sempre esteve presente entre os homossexuais. Na descrição da história das práticas sexuais, pouco falou-se de AIDS - esta parecia outra vez excluída do

discurso, restringindo-se, quase exclusivamente, como consideramos inicialmente, aos indivíduos representantes do "desvio" na sexualidade, exclusão talvez relativa se considerarmos a negação do desejo vinculado ao medo da doença.

A história da sexualidade dos informantes passava em sua totalidade por considerações sobre o uso de preservativos. Todos os entrevistados se referiram a isto, embora o relato dos homossexuais tenha apresentado uma ótica distinta.

Os heterossexuais referiram o uso de preservativo apenas nas relações consideradas "arriscadas". A explicação dada dizia respeito ao sexo com prostitutas, referido apenas por dois deles, como afirmamos, ou ainda alguma relação sexual com uma mulher desconhecida. Outro ilustrou dizendo que se pode conhecer alguma mulher em um bar e isto levar a uma relação sexual. O quarto entrevistado deste grupo deu como exemplo da necessidade de uso de preservativo os seus passeios à Olinda durante o carnaval, onde é comum ter uma relação sexual com alguma mulher desconhecida.

Este conceito de risco no sexo merece atenção. Inicialmente as colocações diziam respeito ao sexo com prostitutas (dois informantes), sexo com alguma pessoa desconhecida encontrada em bares (um informante) ou durante o "carnaval de Olinda" (um informante). A solicitação de detalhes sobre o uso do preservativo lançou luz sobre algumas hipóteses levantadas.

Todos os heterossexuais afirmaram que não fariam uso de preservativos com suas namoradas ou namorados. Afirmaram que se usassem "camisinha" seria certamente visando evitar gravidez. Nenhum deles afirmou a necessidade do uso com vistas à prevenção da AIDS. Sendo sugerida a possibilidade de relações sexuais com algum amigo, amiga ou colega de faculdade, mesmo hipoteticamente todos referiram que provavelmente não seria necessário, e certamente também constrangedor propor seu uso. Apenas um deles afirmou que seria adequado, mas que, certamente, "não ficaria à vontade para propor". Regra geral, o preservativo foi considerado necessário para evitar gravidez indesejada.

Estas afirmativas nos colocam diante do fato de outra vez constatar a exclusão da sexualidade do cotidiano. Negar as necessidades de cuidados preventivos coloca a AIDS fora da vizinhança dos informantes, remetendo-a sempre ao sexo "desviante" ou a outras "tribos" - os desconhecidos, as pessoas do carnaval. A linearidade do discurso conservador, através da valorização da virgindade, da monogamia, bem como a presença da culpa frente à relação com prostitutas ou à infidelidade e a inclusão da sexualidade no contexto da relação amorosa dentro do modelo do casamento favorecem algumas considerações.

Fica demonstrada a possibilidade de manutenção de valores tradicionais em relação ao sexo. Tais valores seriam reforçados pela presença da AIDS, entretanto, a doença não os determinou.

Como consideramos de início, a identidade médica, psicanalítica e de professor foi objeto de tentativa de uso para colocar o sexual na fala do informante. Por outro lado, também parecia haver certa "necessidade confessional" para a fala da sexualidade. Ressaltamos que diante da perspectiva das entrevistas e com o andamento destas os informantes se colocaram no lugar de não demonstrar a prática sexual mais livre, ou, ao menos o seu desejo. Eram referidos filmes pornô, excitabilidade diante de cenas eróticas de conotação lésbica, carnaval, queixas sobre a "pouca erotização na universidade", queixas das mulheres sobre a necessidade de reprimir seus desejos para serem "valorizadas" pelo homem; entretanto, o discurso sobre o próprio desejo foi mantido na perspectiva da disciplina, no plano da higiene.

A referência à AIDS fora do círculo mais próximo do informante (não há necessidade de prevenção com conhecidos), o coloca longe da doença referida como símbolo do desvio. A linearidade frente aos grandes temas nos remete à reflexão sobre a possibilidade de calar o sexual, mesmo fantasmático, como forma de excluir o risco frente à AIDS. Há possibilidade de constatar a necessidade de exclusão do "foco perigoso" caracterizado pelo contato sexual real ou no plano do desejo com aquilo que está fora da ordem familiar católica, à qual pertencem a quase totalidade dos informantes.

Não deixando de lado, até por absoluta impossibilidade, a parte de nossa formação compreendida pela clínica psiquiátrica e psicanalítica, percebemos a diferença do discurso do informante

na pesquisa e o discurso proferido "no divã", onde não apenas a prática, mas sobretudo a fantasia e o desejo, permeia a fala objetiva. Colocamos em pauta a questão da necessidade de cisão do discurso que seria proferido no âmbito secreto do consultório, sem juízo e sem explicação objetiva, próprio da psicanálise, para aquele que é anotado, visando avaliação e publicação posterior.

Percebemos também no que diz respeito aos achados, sobretudo entre os heterossexuais de ambos os sexos, a necessidade de afirmação de valores tradicionais ligados à sexualidade, como a concepção de virgindade e fidelidade, em alguns momentos remetidas à noção de culpa. A manutenção destes valores parece ser uma tentativa de neutralizar o risco caracterizado pela doença e, sobretudo, o "pecado contido" na sexualidade, digamos, livre.

Outro elemento em destaque, aliado aos demais que tentamos demonstrar, é a referência à AIDS fora do círculo de ação, como dissemos. Isto nos coloca diante da idéia de que o símbolo do desvio e a doença estariam "fora do grupo de referência" ou, em outro dizer, "fora da minha tribo". A proteção é necessária extra-muros, ou seja, estariam os sujeitos protegidos entre os seus pares - o que do ponto de vista da transmissão da doença é, no mínimo, ingênuo.

A grande exceção nestas colocações se faz no discurso dos homossexuais. Na história da sexualidade destes informantes, o papel desempenhado pela AIDS merece atenção. Um deles afirmou que desde que tomou conhecimento da AIDS não se sente à vontade

para ter relações sem preservativos. O fantasma da contaminação se faz presente.

"Desde que comecei a ter relações homossexuais, há quatro anos, uso preservativos. Procuro fazer com que a camisinha faça parte de minha vida sexual invariavelmente mesmo que que não ache a penetração indispensável na relação com outro cara, ando sempre com uma camisinha na carteira".

Em outro momento mostra certa preocupação com variações nas práticas sexuais:

"tenho medo que ejaculem na minha boca ..., já aconteceu duas vezes e eu brochei na hora ... o medo tomou conta de mim. Imaginei logo que estaria contaminado. Pensei na morte, me angustiei ..."

Outro informante que iniciou sua prática homossexual aos 18 anos (já referimos), fala que a masturbação era uma constante, entretanto, não tinha relações sexuais com nenhum homem:

"a AIDS foi um problema na minha sexualidade ... acho que a AIDS não foi uma pedra completa no caminho, mas foi seletora ... não realizei até hoje minhas fantasias sexuais, nunca transei com alguém que conheci no mesmo momento, chances não faltam, mas eu me recuso ..."

Este mesmo informante referia o desejo de uma história de relação homossexual mais calcada no compromisso afetivo, "uma amizade especial", "alguém que estivesse comigo todo o tempo". Segue dizendo que sempre teve alguma idéia de que seria difícil realizar seus desejos sexuais, atribuindo à formação religiosa este temor:

"fui reprimido a vida toda; quando consegui dizer a mim mesmo - agora é minha vez ! - aí, apareceu a AIDS ..."

Estes relatos nos remetem, de imediato, à observação de que a presença da AIDS se faz no cotidiano dos homossexuais. Entretanto, na relação entre a vivência homossexual e sua identificação com a culpa, estes sentimentos podem ter sido reforçados pela presença dessa doença. A idéia de que seria difícil e doloroso o início da vida homossexual, aliada à angústia e retardamento disto, mesmo frente ao desejo, nos fala da possibilidade de reforços destas censuras superegóicas, no sujeito, reeditadas pela AIDS e reforçadas pela concepção social sobre a homossexualidade. Mesmo entre os homossexuais, a visão da homossexualidade parecia contaminada de juízos de conotação moral. A crítica às "bichas" (referência aos indivíduos com trejeitos) ou o possível desejo da reprodução de valores do casamento heterossexual na relação homossexual.

Ficou ressaltada a presença marcante e referida por todos dos valores parentais na concepção que têm de sexualidade. A formação religiosa também foi referida como de grande importância por todos nas concepções que observamos.

A análise das entrevistas com relação à formação profissional dos informantes demonstrou maior preocupação com aquela doença entre os estudantes do Centro de Ciências da Saúde. Todos referiram conhecimentos adquiridos ao longo do curso, chegando a afirmar que em cada disciplina que estudam algo sempre é dito em relação à AIDS, o que os coloca em constante contato com a patologia. Os informantes de outros centros demonstraram menos referências à AIDS no discurso - exceção feita aos homossexuais considerando que apenas um deles era aluno daquele Centro.

As considerações sobre a tentativa da exclusão do sexual observada nos achados das entrevistas, mas também nos achados das recusas que analisamos no início, colocam-se em paralelo com o que consideramos ser uma tentativa de se colocar à margem da discussão sobre a AIDS, excluindo-a de seu grupo próximo e reforçando o caráter moral da temática sexual.

Acreditamos que os achados objetivos e a observação subjetiva do pesquisador nos coloca na posição de reafirmar o paralelo entre o discurso falado e o "discurso" da recusa às entrevistas. O sexual ligado ao secreto, à culpa, à exclusão da fala e a AIDS, com sua força, aumentando estas vivências.

NOTAS - CAP 3

1 - A reflexão sobre a metodologia e o papel do pesquisador vem sendo amplamente discutida. Nos reportamos ao artigo de Ruth Cardoso (1986) "Aventuras de Antropólogos Em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método", livro com mesmo título. As considerações sobre o papel do investigador, sua relação com a pesquisa e seus resultados têm sido enfatizadas e são também abordadas por Cardoso.

Nas considerações sobre o uso de entrevistas ou histórias de vida na pesquisa antropológica, levando-se em conta a perspectiva qualitativa da pesquisa científica, salienta ainda a não incompatibilidade ou "modos opostos e inconciliáveis" de ver a realidade. Como tentamos demonstrar em nosso trabalho, perseguimos a possibilidade de lançar luz sobre elementos não aparentes e "inconcientes" dos atores.

2 - Sobre isto salientamos o artigo de Alba Zaluar (1986) "Teoria e Prática do Trabalho de Campo" In *Aventuras de Antropólogos Em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método*, organizado por Ruth Cardoso, p. 108. As considerações sobre a intersubjetividade e formação de cadeias de significantes dizem respeito à análise do material por nós pesquisado.

3 - Utilizamos a expressão "desvio", dentro da concepção de conduta não aceita socialmente ou que vai de encontro a padrões de norma social. Sobre isto nos remetemos à discussão

empreendida por Cláudia Souto e Solange Souto em seu livro *A Explicação Sociológica - Uma Introdução à Sociologia*, 1985, p. 229 ss.

Salientamos também as considerações de Gilberto Velho (1985) sobre a conduta desviante e as "conotações problemáticas" que a expressão carrega em si. Para tanto nos remetemos ao livro *Desvio e Divergência*, 1985, pp. 17, 18, 19.

4. A INTERPRETAÇÃO (Concluindo)

Como afirmamos anteriormente nas considerações metodológicas e na introdução deste trabalho, a escolha do tema central e do universo desta pesquisa dizem respeito à motivação do pesquisador. As funções médica, psicanalítica e de professor universitário estimularam a tentativa de compreender o tema da sexualidade dentro das peculiaridades do tempo atual, que se caracteriza, sobretudo, pela presença da AIDS. Sabemos que a evolução desta patologia no mundo aponta para índices epidêmicos e esse fato nos levou a tentar refletir sobre a prática sexual e as concepções acerca desta, hoje.

A escolha do universo da pesquisa (estudantes da UFPE), remeteu-nos necessariamente às diferenças entre informante e pesquisador. Estas, mesmo que não se façam do ponto de vista sócio-econômico, nem de linguagem ou classes sociais, são também de caráter objetivo. Tais diferenças dizem respeito à própria função profissional do entrevistador em relação aos entrevistados - estes últimos, todos alunos da Universidade Federal de Pernambuco. A multiplicidade de funções do pesquisador e o conhecimento disto por parte dos informantes mereceu nossa atenção. As funções médica, psicanalítica e de professor, paralelas à de pesquisador, geravam diversidades prováveis na maneira como seríamos vistos. Além disto, estas funções remetiam à idéia de autoridade diante dos alunos - alguns deles aspirantes de profissionais na área de saúde.

Pudemos nos dar conta de que um elemento indispensável dentro da pesquisa, honrando o caráter antropológico da mesma, é a relação pesquisador/pesquisado. A atenção a este elemento nos pareceu de grande importância, no sentido de que, dizendo respeito à intersubjetividade, era indispensável pensar a pesquisa no contexto da posição de autoridade que poderia ser atribuída ao entrevistador. (1)

Como demonstra Pedro Demo (1989, pp. 42 ss) estas, digamos contradições, "não são prejudiciais ou inúteis". O reconhecimento da autoridade atribuída ao pesquisador deve levar ao que chama de crítica interna. Consideramos que este elemento crítico coloca o pesquisador na posição de se pensar no exercício da pesquisa, objetiva e subjetivamente, levando-o à auto-crítica, "relativizando" a si próprio e o seu próprio trabalho.

A relação pesquisador/pesquisado se faz, então, pelo menos em dois sentidos mais fundamentais: na perspectiva daquele que "olha" o pesquisador e na perspectiva daquele que "olha" o pesquisado. A posição do segundo, enquanto também avaliador, deverá dar conta de suas próprias referências culturais e pessoais no exercício da pesquisa e posterior avaliação e sistematização de dados.

Weber, falando da suposta objetividade na pesquisa científica, fala das idéias e valores do pesquisador.

Thiollent ressalta, a partir das considerações Weberianas, a dificuldade do cientista realizar a "operação" de neutralização, frisando "a neutralidade e objetividade do saber se relacionam cada vez mais com a questão do poder do que do querer do cientista" (1987, p. 43). (2)

Atentos às considerações de Bourdieu sobre as diferenças de linguagem do pesquisador em relação aos pesquisados, (P. Bourdieu, 1973, p. 61), referimos, e aqui reforçamos, as peculiaridades da própria formação profissional do pesquisador em relação ao informante e às posições ocupadas no exercício da pesquisa.

Nosso tema central levou a achados que consideramos de fundamental importância. Entretanto, antes de proceder à análise destes, consideramos necessário refletir sobre elementos subjacentes aos dados mais objetivos dentro do tema da sexualidade e AIDS.

Todo o pensamento exposto até o momento dá conta da existência de fortes elementos subjetivos no próprio desenrolar da pesquisa. Tais elementos estarão presentes e merecem considerações a partir da escolha do método de abordagem do informante, ou seja, a entrevista não diretiva. As reflexões sobre determinados achados considerados subjetivos devem ser antecedidas pela discussão do momento do encontro pesquisador/pesquisado - isto é, a entrevista propriamente dita, reconhecendo que elementos imaginários, sentimentos e idéias se fazem presentes antes, durante e depois do "encontro". Estes

A contra-partida, ou seja, aquilo que se passa no pesquisador, deve ser levado em consideração. A expressão contratransferência significa "o conjunto de reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e mais particularmente à transferência deste..." (Laplanche e Pontalis, 1985, p. 146) e serve para apontar a possibilidade do uso do conceito também na relação pesquisador/pesquisado.

Devereux faz algumas considerações a respeito da contratransferência na pesquisa científica sobre o comportamento, falando das defesas profissionais e referindo-se à própria angústia do pesquisador em seu trabalho, à utilização sublimatória da metodologia, etc. Estas reflexões nos apoiam na idéia de que os sentimentos, digamos, em mão dupla, referentes tanto ao pesquisador quanto àqueles que servem de objeto de pesquisa, devem ser considerados (Devereux, 1980, p. 130, ss).

Cabe a nós a atenção a estes elementos transferenciais/contratransferenciais para torná-los também objetos de estudo na pesquisa antropológica, não como instrumentos terapêuticos, mas, e somente, para reconhecer a interação entre os sujeitos na situação da entrevista. Deste modo podemos considerar as atitudes do entrevistado em relação ao pesquisador e fazer uso de elementos que vão além do verbal, como atitudes assumidas, expressões, relacionamento que se tenta estabelecer com o entrevistado, ou deste com o entrevistador, etc.

A escolha do método da entrevista não diretiva se deu apoiada nas considerações de M. Thiollent que, mesmo respeitando

elementos aos quais nos referimos constituem as peculiaridades dos encontros bipessoais e, na tentativa de compreendê-los, tomaremos de empréstimo da psicanálise alguns conceitos centrais, como as noções de transferência e contratransferência.

Mesmo que o termo transferência não seja exclusivo da teoria psicanalítica, nos valeremos dela para algumas considerações. Laplanche e Pontalis falam da transferência ressaltando inicialmente a amplitude de sentidos abrangida neste termo (Laplanche e Pontalis, 1985, p. 668, ss). Para a psicanálise, transferência é o processo pelo qual elementos inconscientes atualizam-se e dirigem-se a objetos numa relação estabelecida. É nesse sentido que se coloca para nós em consonância com a situação de entrevista. O próprio texto de Freud dá sustentação a esta afirmativa: "o que são as transferências? São reimpressões, cópias das noções e dos fantasmas (fantasias), que devem ser despertados e tornados conscientes à medida dos progressos da análise; o que é característico de sua espécie é a substituição pela pessoa do médico de uma pessoa anteriormente conhecida" (Freud, 1905, vol VII, S.E. p. 116). Tomando isto como ponto de partida e tendo como apoio as considerações de Laplanche, podemos ver a indicação de que esta noção diz respeito a relações diferentes daquelas que são exclusivas da situação terapêutica; e, sendo diferentes, dirigem-se também a pessoas diferentes do analista. Na relação com professores, com o clínico geral, com o orientador de uma pesquisa, com o pesquisador, etc., elementos subjetivos e sentimentos "transferenciais" são observáveis.

as críticas feitas por Bordieu a este método, considera-o de grande valor. Afirma Thiollent que o indivíduo pesquisado é representante de uma cultura e que a entrevista não diretiva "pode explorar a partir das verbalizações, inclusive as de conteúdos afetivos" (Thiollent, 1985, p. 85). Salientamos também as recomendações de Michelat de proceder à análise do material, levando-se em conta elementos verbais, mas, também, outras formas de expressões, como nos referimos. Estes dados serão remetidos a elementos de referências básicas do informante, como sua idade, sexo, nível de instrução, etc. Além disso, destacamos ainda na perspectiva de M. Thiollent, que a referência à psicanálise coloca-se também ao nível do relacional: "a) relação entrevistador/entrevistado, com liberdade do segundo e atenção flutuante do primeiro; b) relação analista/corpus das entrevistas na qual os analistas interpretam o conteúdo a partir de uma forte "impregnação" e manutenção da "atenção flutuante". (Thiollent, 1985, p. 90).

Associamos estas recomendações à própria compreensão do elemento transferencial e contratransferencial na situação de entrevista, o que nos coloca na direção de tentar nos deter na noção de inconsciente e na própria relação da Antropologia com a Psicanálise.

Fazemos referência aqui à compreensão de que todo discurso traz em seu bojo o conteúdo manifesto próprio da fala, mas também um componente latente, perceptível verbalmente, ou em outros elementos identificáveis na relação com o entrevistador, como nos apontam Michelat e Thiollent.

A questão do latente e do manifesto e a própria noção de elementos inconscientes perpassando a fala do sujeito, remetem-nos à discussão sobre a oposição real ou aparente entre a Psicanálise e a Antropologia. A própria consideração do "Totem e Tabu" como a tentativa freudiana de fazer uma antropologia merece atenção. Mesmo lembrando a pobreza absoluta do caráter etnográfico do material e as características historicistas e positivistas deste trabalho, não podemos negar completamente sua tentativa de aproximação.

A referência ao Seminário de Hannover e aos trabalhos de Rohein, nos permitem falar, reforçadamente, destas aproximações. O trabalho de Levi-Strauss (Totemismo Hoje, 1953), referindo-se à denominação de animais totêmicos num referencial não objetivo, fala da possibilidade de um sistema de referências linguísticas de significados latentes. Instala, então, a própria ordem do simbólico.

Vale também salientar a referência, ainda citando Levi-Strauss, desta vez em seu livro Tristes Trópicos (1971) e as considerações de Roger Bastide, no seu Antropologia e Psicanálise, (1950).

Como ressaltamos anteriormente, a presença de elementos objetivos se faz sempre ao lado de uma subjetividade. Os próprios achados se colocam nesta perspectiva dupla, e se entrelaçam.

Conforme afirmamos na análise do material etnográfico, dentro do universo de possíveis informantes, um número significativo de pessoas contactadas recusou-se a se submeter às

entrevistas. Longamente já exposta por nós, a questão da recusa foi quantitativamente significativa, mas não podemos nos manter nesta perspectiva reducionista. Consideramos a recusa às entrevistas um elemento de observação, que deve ser compreendido também em função dos temas centrais propostos.

Percebemos que os achados não poderiam se restringir à resposta "clássica", ou seja, aquela obtida no contato que se finalizou em entrevista. É ainda passível de análise a própria recusa, podendo ser vista como achado de relevância, sobretudo diante do número observado e das justificativas apresentadas.

A relação entre alguns aspectos das recusas às entrevistas, com certas condutas daqueles que a elas se submeteram, é pertinente. A forma de lidar com o entrevistador revelou tentativas de neutralização do tema e também do próprio papel do pesquisador. Consideramos aqui presentes vários elementos apontados na análise etnográfica que procedemos e que podem ser agrupados dentre os achados, com vistas ao estabelecimento de conclusões dentro de certos referenciais teóricos.

Além das recusas, o próprio lidar com o entrevistador, tentando remetê-lo à posição do médico, psicanalista ou "amigo" caracterizavam as tentativas de neutralizar o pesquisador, bem como de manter o próprio tema da sexualidade cercado em certas linhas delimitadoras, sob controle.

O tema da sexualidade cerrado nos muros do consultório médico ou psicanalítico, tem uma relação de semelhança também com

a introdução do bar ou a presença da família na discussão do tema. O discurso do sexual se articulava com a noção de poder representado pelo médico ou psicanalista, ou a presença censora dos familiares. A posição de "amigo", nega a autoridade, mantendo-a portanto sob a tentativa de neutralização, disfarçada pelo "papo informal".

Estes elementos dão conta de sentimentos transferenciais frente ao tema da sexualidade e da AIDS, bem como em relação ao pesquisador. Assim, a análise deve também privilegiar a subjetividade contida na escolha da ambiência para a entrevista e deve levar em conta a identidade profissional do pesquisador. Isto coloca o entrevistador na posição de perceber-se a si próprio - tentando, portanto, não se furtar ao exercício que se propõe - a pesquisa científica. Para isto, apoiados nas considerações de Thiollent e utilizando recursos da teoria psicanalítica, relativizamos os achados e verificamos a dificuldade de abordar a temática do sexo e da doença, por parte dos informantes. Esta dificuldade se ilustra nas recusas às entrevistas e se reforçam na forma de lidar com o tema e com o entrevistador.

O silêncio frente à sexualidade e, neste momento, face à doença ligada à prática sexual, coloca em evidência as próprias considerações de Foucault sobre a fala do sexual. A própria noção de repressão cala o sexo, liberando-o como assunto apenas no "rendez-vous" ou na "casa de saúde". Tais locais tolerariam o falar do sexo.

Estas idéias reforçam também nossas afirmativas sobre a permissão da fala do sexual colocada nas paredes do consultório médico, sobretudo psiquiátrico, ou do consultório psicanalítico. Neste sentido, é importante reforçar o caráter liberalizador do discurso sexual promovido pela psicanálise, mesmo que o tema do sexo e a ordem sexual na teoria freudiana não diga respeito (exclusivamente) ao genital. Referimo-nos aqui, mais uma vez, a Foucault e suas colocações sobre a repressão ao sexo relacionadas com o poder (Foucault, 1984, p. 13, ss). (3) A própria fala do sexo assumiu ao longo dos tempos o tom também confessional, estabelecido pela igreja cristã, através dos manuais de confissão. Estes elementos refletem a necessidade de abolir o sexual do discurso cotidiano e dizem respeito ao temor do julgamento da autoridade e à censura, aqui representada pelo pesquisador. Remeter o entrevistador às identidades que permitem o tema sexual pela palavra significa reforçar sua autoridade censora, equivalente à neutralização do bar, e à censura da família, tentando eliminar o pesquisador que "analisa" e "conclui".

A idéia de AIDS remeteu quase todos os informantes à questão da homossexualidade. A segunda idéia presente foi a prostituição feminina. Apenas um informante falou na transmissão por via do uso de drogas e nenhum referiu-se à hemofilia ou à hemotransfusão. A associação AIDS/homossexualidade tem um suporte objetivo oferecido por dados de pesquisa amplamente divulgados, porém, a relação se faz também em outros níveis.

A AIDS relacionada à homossexualidade e à prostituição feminina, sobretudo na fala heterossexual, é a associação imediata entre a doença e a conduta desviante. A doença relacionou-se aí com a própria noção de pecado na sexualidade e impureza do corpo e da alma.

Além deste achado, agruparemos alguns outros, já analisados, para uma compreensão mais completa da questão.

Do ponto de vista do imaginário, os informantes referiram-se à AIDS como resultado de fatores externos. Algo vindo de fora como, por exemplo, o desenvolvimento do vírus em laboratórios norte-americanos. Esta noção se acompanhava de uma outra que dizia respeito também à conduta sexual desviante. A AIDS seria consequência de relações sexuais entre humanos e macacos na África.

Além disto, sobressairam as afirmativas referentes à AIDS e o desenvolvimento da vida sexual dos entrevistados. A interferência direta da patologia nas práticas sexuais se observou entre os homossexuais. Neste sentido, cabem considerações sobre o uso de preservativos. Estes são quase exclusivos dos homossexuais e, mesmo assim, sua referência foi pequena (apenas um informante fazia uso sistematicamente). O preservativo era referido entre os heterossexuais apenas como preventivo da gravidez. Observamos ainda que entre os heterossexuais a "camisinha" não seria necessária no sexo, mesmo, hipoteticamente, com amigos ou colegas de faculdade. Este achado diz respeito sobretudo aos heterossexuais de ambos os sexos. As

relações definidas como "de risco", no caso dos homens, eram aquelas com prostitutas ou mulheres desconhecidas. Como demonstramos em nossa análise, as relações com amigas ou conhecidas seriam relações "protegidas". Isto equivale a dizer que, para aqueles informantes, a AIDS estaria fora de seu círculo próximo, fora do campus universitário, fora de sua "tribo" -- excessão feita aos homossexuais.

Estas considerações que efetuamos até o momento levam a algumas conclusões que podem ser sugeridas.

O caráter objetivo dos achados demonstra-se no próprio discurso manifesto dos informantes. Algo mais pode também ser observado. A associação da AIDS com o caráter desviante da conduta sexual remete a doença à noção de pecado. A idéia da patologia individual ligada às faltas individuais e as epidemias às faltas coletivas têm suporte nas associações feitas entre a AIDS e a homossexualidade, e no caráter religioso de alguns discursos -- onde os informantes sugerem a doença como aviso. Associam-na à degradação e miséria do mundo. Esta noção apóia-se também na própria concepção acerca da homossexualidade, da prostituição e das práticas sexuais fora do padrão da família cristã.

Todo o discurso religioso, já referido, nos mostra a relação entre doença e punição. A noção do Deus punitivo, os ensinamentos de São Francisco de Assis por exemplo, e a atitude com os leprosos reforçam o caráter histórico que se atualiza nos dias de hoje. Estas relações do adoecer com punição divina e com

a noção de pecado são ressaltadas pelo próprio Foucault e por Berlinger, que também aponta a própria AIDS relacionada com concepções moralistas e punitivas, através de organizações americanas, como a Ku Klux Klan e o próprio pânico de profissionais da saúde frente à patologia (Berlinger, 1988, pp. 39, 41, 58, 76, 77 e 92).

A associação AIDS/homossexualidade/prostituição também nos remete a outras considerações. Estes dados, acompanhados dos achados referentes ao uso do preservativo, apontam para algumas direções importantes. Inicialmente ficou demonstrada a necessidade de excluir a patologia dos círculos próximos do informante. A doença, desta forma, é retirada do cotidiano e afastada das vizinhanças. Isto equivale a dizer, que na identificação com os amigos, negar que "um dos seus" possa estar contaminado é também negar sua possibilidade de contaminação e, talvez, tentativa de "estratégia" para eliminar a culpa. A negação do risco, do foco de contágio, excluindo-o, pode ser verificada. Inicialmente, pela própria associação com o desvio, que, como vimos e reafirmaremos, é colocado como fora da vida do informante e percebido até como algo sujo e asqueroso.

Este elemento de negação apresenta-se na relação com a conduta desviante, mas também nas próprias concepções imaginárias acerca da origem da doença (oriunda de outro lugar, estranho ao informante).

Reforçando este elemento, o uso do preservativo, apenas para aqueles contatos fora do círculo de amigos, vem corroborar

nossas considerações. Esta atitude frente ao preventivo não elimina por completo, da consciência, a presença da doença, posto que ela é reconhecida (em determinados grupos entre os quais não circula o informante), eliminando portanto a patologia das cercanias de suas relações mais próximas.

Do ponto de vista da relação com o pesquisador, a própria tentativa de nos identificar como "um deles", ou seja, "semelhante ao informante", incluso na categoria de "amigos", através do bar ou dos convites, remete, mais uma vez, a uma relação que não inclui o tema central. Subjetivamente pode ser visto como uma tentativa de manter um código silenciador e de segurança em relação à AIDS e à sexualidade como um todo.

Estas considerações permitem pensar com mais vagar na própria noção de denegação da sexualidade e da doença por parte do informante - como podemos sugerir, a necessidade de manter recalcados elementos angustiantes frente à grande ameaça.

O sinal de angústia desencadado pela possibilidade de emergência do recalcado, instala ou reforça defesas. Entendemos que projetar para bem longe de si - a exemplo da explicação de um vírus vindo do exterior - aquilo que remete à doença, sexualidade, culpa e punição, pode ser uma forma "bem sucedida" de defesa, uma estratégia inconsciente de neutralizar a angústia.

O reconhecimento, por parte do informante, do perigo fora de si, nos coloca realmente diante de uma possibilidade que tem de reconhecer a ameaça como real. A aceitação racional de uma ameaça fora de si fala da necessidade de calar o significado

desta ameaça dentro de si próprio. Estas considerações coincidem com a própria noção de denegação (Verneinung) - oriunda da psicanálise - a aceitação intelectual, entretanto, como algo que não pode dizer respeito a si próprio, coloca o sujeito em contato apenas com parte do elemento angustiante.

A associação da doença com a idéia de desvio, representado pela homossexualidade, da forma como é vista, bem como a prostituição, fala a favor de toda a concepção culpabilizante e cristã que nos assaltou ao longo dos séculos. Como mostrou Jean Delumeau, a própria sexualidade fora dos ditames da Igreja era associada à sujeira e ao pecado, passível, portanto, de punição. Todas as considerações efetuadas na contextualização teórica nos remetem à reedição do discurso moralizante cristão, favorecido pela presença da AIDS nos dias atuais.

Por outro lado, é fundamental salientar que o tema da sexualidade, por si só, tem a marca da ambiguidade - toda a formação superegoica do sujeito, respeitadas as particularidades individuais, diz respeito à própria experiência de pertinência às instituições. Estas, como a família e a constituição do sujeito socialmente, fala de regras, normas, coloca o sujeito na ordem do cultural. A ordem da cultura refere-se a censuras, sobretudo de caráter sexual. Como nos referimos, a estruturação da própria sexualidade ocidentalizada traz a marca do higiênico e do pecado cristão. Todas estas considerações, vistas em conjunto, apoiam nossas idéias acerca dos achados comentados até o momento.

Certamente também estamos diante de normas e necessidades a serem satisfeitas. Esta é a própria idéia do conflito entre "natureza e cultura". Arranjos sociais variados são realizados para se obter soluções. Nossas considerações sobre a procura às prostitutas ou mesmo certas morais rígidas, restritas apenas à ordem do casamento, são alguns exemplos disto.

Salientamos, em continuidade, que a referência à homossexualidade é feita sob a marca do asqueroso e enojador, sobretudo entre os heterossexuais. A descrição carregada de sentimentos negativos frente a esta forma de viver a sexualidade recoloca a questão do desvio na ordem do pecado. As considerações de Foucault sobre o tema são reforçadas em nossa observação.

A própria referência à homossexualidade por parte dos homossexuais é ambivalente. Isto se observa pela descrição da angústia no início da vida homossexual e mais, o "horror às bichas". O discurso dos homossexuais traz a marca do preconceito, facilmente identificável entre todo o universo de informantes, mas também a própria negação de sua condição. A colocação da "bicha" como diferente de si, embora sendo também homossexual, dá a informação da necessidade de negar esta característica em si próprio. A delação feita pelo homossexual com trejeitos é vivida como inaceitável. Chamo de delação o escancaramento da condição de ser aquilo que é considerado sujo pela sociedade em geral. Pareceu-nos que, mesmo neste grupo, havia a tentativa de corresponder à imagem masculina esperada pela sociedade, além da expectativa de relacionamento dentro de modelos próprios do casal

heterossexual, como foi sublinhado por um dos informantes. Como ressaltamos, os homossexuais são referidos como grande fonte de risco. Esta observação diz respeito aos dados sobre a incidência da patologia, mas, também, alia a idéia de contaminação quase exclusivamente ao desvio.

Nestes termos se inserem as considerações sobre a prostituição. As prostitutas despertam sentimentos de pena e são excluídas também do universo dos entrevistados. A presença da prostituição é reconhecida apenas no relato das primeiras experiências sexuais dos heterossexuais. Foram definidas como pessoas "problemáticas" e com "graves dificuldades afetivas e financeiras". A referência à prostituição nos termos da homossexualidade coloca a sexualidade que nega os preceitos familiares como pecaminosa e necessariamente excluída do "universo de limpeza" referido pela maioria dos informantes.

Até o momento podemos reforçar todas as reflexões feitas sobre a tentativa de neutralizar o sexual. Através das recusas à entrevista, da postura durante a realização destas e ainda durante o discurso, a referência às formas da sexualidade que extrapola o modelo da família como enojadoras ou dignas de pena. Neste sentido novos achados devem ser comentados.

Na referência à própria vida sexual e afetiva dos informantes, percebemos um grande reforço aos padrões tradicionais. Uma ênfase considerável foi dada à fidelidade no casamento e, mesmo anteriormente a este, sobretudo pelos homens ao se referirem a suas futuras companheiras. A possível relação

entre o valor da fidelidade e a presença da AIDS não se configurou. A mesma ênfase foi dada ao valor da virgindade da mulher. Aqui a idéia masculina de "posse" da companheira foi enfatizada. Estes elementos (fidelidade e virgindade) foram ressaltados como valores assumidos pelos informantes, independentemente da presença da AIDS. A recusa ao prazer fora do casamento é observável, como se delineia tão fortemente entre os valores cristãos. Naturalmente considerações podem também ser feitas no sentido da ênfase dada à submissão que o homem espera da mulher. Entretanto, cumpre ressaltar a instalação do discurso moralizante entre os informantes, - neste sentido a exclusão do sexual se observa e mais uma vez é colocada nos muros da expectativa familiar. Isto reforça a idéia de neutralização do tema da sexualidade, sendo este remetido à ordem da autoridade e às expectativas superegóicas rígidas da família tradicional.

Estes achados nos pareceram mais uma vez condizentes com todas as observações feitas até o momento e que se referem a todos os "tempos" de pesquisa, desde a primeira procura aos informantes.

Duas possibilidades devem ser levantadas. Inicialmente podemos pensar que os informantes de fato se colocam na posição do exercício, digamos, convencional da sexualidade, definido dentro de valores da família, sendo o sexo possível para os casais constituídos dentro da relação monogâmica. Outra possibilidade diz respeito, mais uma vez, à relação pesquisador/pesquisado. Sendo o entrevistador investido de certa autoridade, caberia a tentativa talvez involuntária por parte do

informante de fornecer o discurso higiênico. Isto o afastaria mais uma vez do "foco de contaminação" representado pela AIDS e pela liberdade sexual.

Chamou atenção a exclusão do discurso do desejo de sexo mais livre, mesmo sob as recomendações da prevenção da doença AIDS. Este desejo seria negado, o padrão verbalizado poderia corresponder àquele que significaria a proteção contra os desvios passíveis de grande punição. Estes aspectos têm apoio dentro da idéia de "deslocar" para outro o risco evidente.

Consideramos aqui a necessidade de estabelecer alguma comparação com o discurso do consultório médico e psicanalítico a que também temos acesso.

O ouvido do antropólogo que se manteve na sua posição de pesquisador foi brindado com a higiene; o do psicanalista com o discurso do desejo, mesmo culposos.

Salientamos que o discurso higiênico, podendo ser compreendido como elementos pontuadas pela negação, abre espaço para a evidência de que a presença da AIDS pode tornar mais uma vez clara a chama do preconceito. Independentemente da patologia, a sexualidade se mantém ligada a mecanismos cerceadores de sua abordagem e, provavelmente, de sua vivência na amostragem estudada.

Estas considerações também servem para analisar a forma como o paciente aids, o indivíduo com soropositividade para o HIV, ou representante de "grupos de riscos" pode ser encarado socialmente, até mesmo por aqueles responsáveis por seus cuidados.

NOTAS - CAP 4

- 1 - As observações sobre a relação pesquisador/pesquisado nos remetem a inúmeras considerações sobre esta relação no contexto da pesquisa científica. Estes aspectos são profundamente elaborados por Tereza Pires Rio Caldeira em seu artigo "A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia". (1988)

A discussão se faz no contexto da concepção de uma "Meta - Antropologia", relacionando com "um Estilo de crítica pós-moderna em antropologia" (p. 136).

A relação "observador/objeto observado" se coloca nesta perspectiva no lugar da observação da cultura e a relação desta com a cultura do antropólogo (p. 145). Logo, nossas considerações se inserem dentro deste contexto, por um lado cabível em certos conceitos psicanalíticos, mas também relacionadas com elementos destas alternativas pós-modernas na pesquisa antropológica. Assim "o antropólogo não se encontra mais numa situação privilegiada em relação à produção de conhecimento sobre o outro... o antropólogo não é mais um sujeito cognoscente privilegiado... é igualado ao nativo e tem que falar sobre o que os iguala: suas experiências cotidianas"... (p. 142).

- 2 - Devemos nos remeter aqui à presença da subjetividade na pesquisa. Salientamos o artigo de Roberto Cardoso de Oliveira (1988): "A Categoria da (Des) Ordem e a Pós-Modernidade da

Antropologia", publicado no Anuário Antropológico/86 e posteriormente incluído no livro: Sobre o Pensamento Antropológico. A importância da subjetividade fica ressaltada. Não o fazendo, podemos nos colocar num plano ilusório, como afirma Cardoso de Oliveira (pp. 93, 94).

Neste sentido o autor ressalta que os elementos "inter-subjetividade, individualidade e historicidade" estão subjacentes a uma chamada "Antropologia Interpretativa" que se coloca no campo da hermenêutica (p. 97).

A discussão sobre o que se denomina pós-modernidade na ciência é abordada por Boaventura de Souza Santos, em Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna, 1989.

- 3 - Devemos salientar que além das referências entre repressão ao sexo relacionadas com o poder, como nos mostra fartamente Michel Foucault, escolhido como eixo central em vários pontos de nossas "Interpretações", a própria organização social diz respeito à certa normatização da vida sexual. As considerações feitas sobre organização familiar, sistemas de parentesco, tabus sexuais colocam outros referenciais para estas questões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, " O Amor no Casamento". In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André. Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987
- "O Casamento Indissolúvel". In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André. Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- "São Paulo e a Carne" In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André (ORG) Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- "Reflexões Sobre a História da Homossexualidade". In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André (ORG). Sexualidade Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BARNARD, Alan; Good, Anthony. Research Practices in the Study of Kinship. Londres, Academic Press Inc., 1984.
- BASTIDE, Roger. Antropologia Aplicada. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.
- Psicanálise e Sociologia, São Paulo, Editora Perspectiva, 1976.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Petrópolis, Vozes, 1985.

- BÉJIN, André. "O Casamento Extra Conjugal dos Dias de Hoje".
In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André. Sexualidades
Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BERLINGUER, Giovanni. A Doença. São Paulo, Hucitec, 1988.
- BOLEIIM ABIA. Editado pela Associação Brasileira Interdisciplinar
de AIDS). Números: 06 (Fevereiro,1989), 07
(Junho,1989), 10 (Março,1990).
- BOLEIIM AÇÃO ANII=AIDS. Edição Brasileira da AIDS ACTION.
Publicado por AHRTAG, (Appropriate Health Resources
and Technology Action Group Ltd.) Londres. Números: 1
(Julho,1988), 02 (Setembro,1988), 03 (Setembro,1988),
05 (Março,1989), 07 (Setembro,1989).
- BOLEIIM EPIDEMIOLÓGICO AIDS. Publicação do Ministério da Saúde.
Ano II, Números: 12 (1989) e Ano III, 09 (1990).
- BOTT, Elizabeth. Família e Rede Social, Rio de Janeiro, Francisco
Alves, 1976.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. "A Presença do Autor e a Pós-
Modernidade Em Antropologia". In: Novos Estudos
(CEBRAP), n. 21, Julho 1988, São Paulo, Ed. CEBRAP,
1988.
- CAMUS, Albert. A Peste. São Paulo, Record, 1981.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "A Categoria de Des(Ordem) e a Pós-
Modernidade da Antropologia". In: Anuário
Antropológico 86, Brasília, Editora UNB, 1986.

- Sobre o Pensamento Antropológico, Rio de Janeiro,
Tempo Universitário, 1988.
- CARDOSO, Ruth. "Aventuras de Antropólogos em Campo ou como Escapar das Armadilhas do Método". In: CARDOSO, Ruth (ORG) A Aventura Antropológica, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1986.
- CARVALHO, João Alberto - "Paciente de Ontem, Paciente de Hoje: De uma Leitura à Outra". Comunicação Apresentada no Iº Congresso Brasileiro e Terapia Ocupacional, Recife, 1988 (No Prelo).
- CHARBONEAU, P. AIDS: Prevenção, São Paulo, Edições Paulinas, 1987.
- CHAUI, Marilena. Repressão Sexual. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- COUTINHO, Anamaria Ribeiro. "Pressupostos da Noção de Subjetividade" in FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. Cultura da Psicanálise, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DE BRUYNE, Paul. Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- DEFOE, Daniel. Um Diário do Ano da Peste, Porto Alegre, L e PM, 1987.
- DELUMEAU, Jean, História do Medo no Ocidente, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

- La P  ch   et la Peur - La Culpabilization de L'Occident (XVI e XVII Si  cles), Paris, Fayard, 1984.
- DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais, São Paulo, Atlas, 1989.
- DEVEREUX, Georges. De L'Angoisse a La Méthode Dans les Sciences Du Comportement, Paris, Flammarion, 1980.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo, São Paulo, Perspectiva, 1976.
- DREVILHE, Alain Emmanuel. Corpo a Corpo - AIDS Diário de uma Guerra, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. "Psicanalistas e Pacientes na Cultura Psicanalítica" In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org). Efeito Psi, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1988.
- "O Papel da Psicanálise no Entendimento da Constru  o da Subjetividade". In: ALMEIDA, Angela Mendes. (org) Pensando a Família no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Espaço e Tempo, 1987.
- FOUCAULT, Michel. Doença Mental e Psicologia, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- O Nascimento da Clínica, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1980.
- Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- História da Sexualidade - A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal, 1984. Vol I

- História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres, Rio de Janeiro, Graal, 1984. Vol II
- História da Sexualidade - O Cuidado de Si, Rio de Janeiro, Graal, 1984. Vol III
- As Palavras e as Coisas - Uma Arqueologia das Ciências Humanas, São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- "O Combate da Castidade". In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André (org). Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- FLANDRIN, Jean-Louis. "A Vida Sexual dos Casados na Sociedade Antiga". In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André. Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- O Sexo e o Ocidente, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- FOX, Robin. Parentesco e Casamento - Uma Perspectiva Antropológica, Lisboa, Ed. Vega, 1986.
- "As Condições da Evolução Sexual". In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André (org). Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987
- FREIRE DE QUEIROZ, Edilene. Tabus Sexuais e Eufemismos - Um Estudo Comparativo entre Homens e Mulheres. Dissertação de Mestrado Apresentada ao Mestrado em Antropologia da UFPE, Julho, 1987.

- FREUD, Anna. O Ego e os Mecanismos de Defesa. Biblioteca Rio de Janeiro, Universal Popular, 1968.
- FREUD, Sigmund. "Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna". In: FREUD, Sigmund, VOL. IX Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "Três EnsaioS Sobre a Teoria da Sexualidade, In FREUD, Sigmund, VOL. VII, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III)". In: FREUD, Sigmund, VOL. XI, Edição Standard Brasileira - Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "A Dinâmica da Transferência" In: FREUD, Sigmund, VOL. XII, Edição Standard Brasileiro, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II)" In: FREUD, Sigmund, VOL. XII, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "Observações Sobre o Amor Transferencial (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise III)" In: FREUD, Sigmund VOL. XII, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "Totem e Tabu" In: FREUD, Sigmund, VOL. XIII, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.

- "Os Instintos e Suas Vicissitudes" In: FREUD, Sigmund, VOL. XIV, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "Repressão" In: FREUD, Sigmund, VOL. XIV, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "O Inconsciente". In: FREUD, Sigmund, VOL. XIV, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "Sobre o Início do Tratamento (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise I)" In: FREUD, Sigmund, VOL. XII, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "Alguns Mecanismos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo", in: FREUD, Sigmund, VOL. XVIII, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "O Ego e o Id". In: FREUD, Sigmund. VOL. XIX, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- "Inibições, Sintomas e Ansiedade". In: FREUD, Sigmund, VOL. XX, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- FRY, Peter. Para Inglês Ver - Identidade e Política na Cultura Brasileira . Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1982.

- GAI RIED HERDDO - Número 416, 19 de Abril de 1990. Paris, Editions du Triangle Rose, 1990.
- Número 417, 26 de Abril de 1990. Paris, Editions du Triangle Rose, 1990.
- Número 424, 14 de Junho de 1990, Paris, Editions du Triangle Rose, 1990.
- GAY, Peter. A Educação dos Sentidos. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- A Paixão Ierna. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- GEERTZ, Clifford. The Interpretation of Cultures, New York, Basic Books, 1973.
- GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. "Estudo das Pesquisas sobre AIDS no Brasil: Iceberg e Avestruzes" - Comunicação Apresentada na Mesa redonda sobre AIDS e As Ciências Sociais: Pauta para os anos 90 no 14o. Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 22 a 26 de Outubro de 1990 (MIMEO).
- HOCQUENGHEM, Guy. A Contestação Homossexual. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- JEAMMET, P. Psicologia Médica, Rio de Janeiro, Masson, 1982.

- KAPLAN, Harold - SADOCK, Benjamin. *Compêndio de Psiquiatria Dinâmica*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- LAGACHE, Daniel. *La Teoria de la Transferencia*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1980.
- LAPLANCHE, J - PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- LAPLANTINE, Francois, *Antropologie de la Maladie*. Paris, Fayard, 1986.
- LEGENDRE, Pierre. *O amor do Censor, Ensaio sobre a Ordem Dogmática*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1983.
- LEITES, Edmund. *A Consciência Rucitana e a Sexualidade Moderna*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Antropologia do Ekazer*. Campinas, Papiros, 1985.
- LEVI - STRAUS, Claude - *Totemismo Hoje*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1975.
- MACKIE, R. *Panic, the story of AIDS*. New York, Thorsons Publishing group, 1986.
- MACRAE, Edward - "A prevenção à AIDS entre usuários de drogas injetáveis" - Comunicação apresentada na mesa redonda sobre AIDS e as Ciências Sociais: Pauta de Investigação para os Anos 90 no 14o. Encontro Anual

da ANPOCS, Caxambu, 22 a 26 de outubro de 1990
(MIMED).

MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*, Rio de Janeiro, Ed.
Rocio, 1984.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, EDUSP, 1974.

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*, São Paulo, Ed. Perspectiva,
1979.

MEZAN, Renato. "Uma Arqueologia Inacabada : Foucault e a
Psicanálise". In: RIBEIRO, Renato Janine, *Recordar
Foucault*, São Paulo, Brasiliense, 1985

----- Ekeud., *Pensador da Cultura*, São Paulo,
Brasiliense/CNPq, 1985.

MONTEIRO DE LIMA, Delcio. *Comportamento Sexual do Brasileiro*,
Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

MOTT, Luis. "Os Médicos e AIDS no Brasil". In: *Ciência e Cultura*,
SBPC, Vol. 39, Número 1, Janeiro, 1987.

ORAISSON, Marc. *A Questão Homossexual*, Rio de Janeiro, Nova
Fronteira, 1977.

PEIRANO, Mariza G..S. "Só Para Iniciados", In: *Estudos Históricos
História e Ciências Sociais*, Vol V, Ed. Daziban, 1990

PERLONGHER, Nestor. "A Tipologia das Homossexualidades Numa
Pesquisa Social". In: *Anais de V Encontro Nacional de*

Estudos Populacionais, Vol I, Associação Brasileira de
Estudos Populacionais, Belo Horizonte, 1986.

PICHON, Genevieve. "La Lépre et Le péché, Etude D'Une
Representation Medievale". Nouvelle Revue de
Psychanalyse, Número 38, Automne, 1988, Paris,
Galimard, 1988.

POLLAK, Michael. "Les Homos et Le Sida : Un Nouvel Art D'Aimer".
In: Gai Pied Hebdo, 23 de Novembro de 1989. Paris,
Editions du Triangle Rose, 1988.

----- Les Homosexuels et le Sida : Sociologie d'une
épidémie. Paris, Editons, A.M. Métailié, 1988.

----- "A Homossexualidade Masculina ou A Felicidade no
Gheto" In: ARIÉS, Philippe. BÉJIN, André.
Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense,
1987.

POPPER, Karl. A Lógica da Pesquisa Científica, São Paulo, Cutrix,
1986.

REVISIA DEINAL - Edição de 10. de agosto de 1989 - São Paulo, Ed.
Três, 1989.

REVISIA DADOS - Ed. Fundação Oswaldo Cruz - no. 11 - Março 1988,
Rio de Janeiro, 1988.

ROSEN, George. Da Política Médica à Medicina Social. Rio de
Janeiro, Graal, 1979.

- ROSSIAUD, Jacques. "A Prostituição : Sexualidade e Sociedade nas Cidades Francesas do Sec. XV" In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André. Sexualidades Ocidentais - Brasiliense.
- RUFFIÉ, Jacques. O Sexo e a Morte. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
- ROUGEMONT, Denis de. O Amor e o Ocidente. Lisboa, Vega, 1989.
- SALEM, Tânia. O Velho e o Novo : Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares. Petrópolis, Ed. Vozes, 1980.
- SELL, Tereza Adada. Identidade Homossexual e Normas Sociais. Florianópolis, Editora da UFSC, 1987.
- SHILTS, Randy. O Prazer com Risco de Vida. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1990.
- SLAFF, J. BRUBAKER, J. AIDS - A Epidemia. São Paulo, Ed. Abril, 1987.
- SONTAG, Suzan. A Doença como metáfora. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- AIDS e Suas Metáforas, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- SOUTO, Claudio e SOUTO, Solange. A Explicação Sociológica : Uma Introdução à Sociologia, São Paulo, E.P.U. , 1985.
- SOUZA SANTOS, Boaventura, Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1989.

- TANNAHILL, Reay. O Sexo na História, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1973.
- THIOLENT, Michel. Crítica Metodológica. Investigação Social e Enquete Operária, São Paulo, Editora Polis, 1987.
- TREVISAN, João Silverio. Devassos no Paraíso, São Paulo, Brasiliense, 1980.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Editor, 1987.
- Subjetividade e Sociedade : Uma Experiência de Geração, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- " Estudo do Comportamento Desviante : A Contribuição da Antropologia Social". In: VELHO, Gilberto (org) Desvio e Divergência, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- VAYNE, Paul. "A Homossexualidade em Roma". In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André (org). Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- WEIL, Pierre. Mística do Sexo, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1979.
- ZALUAR, Alba. "Teoria e Prática do Trabalho de Campo : Alguns Problemas" In: CARDOSO, Ruth (org), Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1986.

39
C331A

R\$30,00

PER-UFbe/PIU

BE 91-153/mk